

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

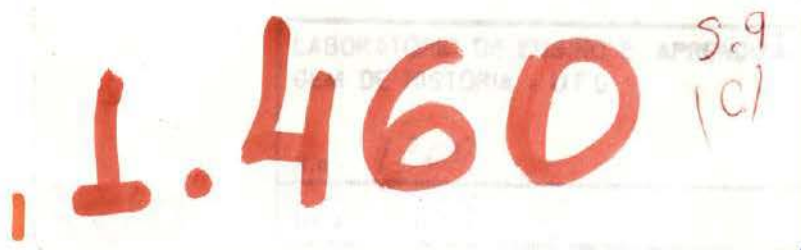
Soene Ozana de Lima

**O Poder da Imprensa na Construção do
Imaginário Social: Uberlândia 1907-1916.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Ciências Humanas e Artes
Departamento de História**

Fevereiro de 1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA, S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL



Soene Ozana de Lima

O Poder da Imprensa na Construção do Imaginário Social: Uberlândia 1907-1916.

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida. Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Artes. Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia – fevereiro de 1999.

BANCA EXAMINADORA:


Paulo Roberto de Almeida (Orientador)


Antônio de Almeida


Sandra Cristina Fagundes de Lima

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus pela força interior.

Há minha família, Antônio, Barsanulfo, Sandra, Solaine, e em especial a minha mãe Luzia que sempre foi guerreira assumindo as responsabilidades de mãe e de pai, acolhendo-nos como se ainda fôssemos crianças.

A minha irmã Sandra Aparecida pela imensa ajuda prestada no decorrer desse trabalho e em todos os momentos de minha vida. Agradeço pela amizade, carinho e companheirismo.

Ao meu orientador Paulo Roberto de Almeida pelo incentivo e por ter me orientado e encorajado nos momentos de desânimo, salientando que era necessário persistir apesar das dificuldades.

Aos meus amigos Raimundo Filho e Sandra Suzeli, que foram como anjos da guarda, reanimando-me e fazendo-me prosseguir quando o cansaço reduzia minhas forças durante a jornada. Nesse momento a emoção toma conta e as palavras parecem insuficientes para a dimensão de meu reconhecimento e gratidão pelo carinho e amizade, dos quais me orgulho.

À Vânia Candelot pelo apoio aos estagiários. Às coordenadoras Maria Núbia e Sandra Cristina pelo incentivo e acolhimento. Foi graças a esse estágio que surgiu a possibilidade deste trabalho.

Aos amigos Cleber, Vanderley, Chavier, Ari e a freira Ireni pela imensa colaboração, possibilitando alguns recursos necessários a realização final deste trabalho.

Ao Deputado Federal Gilmar Machado e ao Vereador Aniceto Pereira, ambos do PT, pela ajuda financeira e por realizarem projetos que visam a consciência política de nossa população.

Ao meu ex-professor Fernando Sérgio Fernandes, que contagiou-me com seu entusiasmo pela disciplina de História, inspirando-me o mesmo sentimento e vocação profissional. Que Deus lhe proteja e conserve suas atitudes humanas para com aqueles que lhe solicitam.

Ao Centro de Estudos e Documentação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, pelo empréstimo das fotos.

Ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia pela recepção e colaboração, nas pessoas de Adriana, Luís, Jô e especialmente ao Florisvaldo pela amizade e apoio.

Enfim, a todos amigos e parentes que me ajudaram na realização de mais esse sonho.

DEDICATÓRIA:

Dedico a realização deste trabalho ao meu afilhado e sobrinho Raniel por iluminar nosso lar com sua alegria e especialmente por representar enquanto criança minha esperança em nova sociedade baseada na justiça e no bem comum.

Ao meu sobrinho Rodrigo e aos meus afilhados, Gustavo e Miguel. Que Deus seja em suas vidas a certeza de que os diálogos que travamos com nossas próprias incertezas resultam em novas possibilidades e concepções.

Amo vocês!!!!

SUMÁRIO

	Páginas
Introdução.....	01 - 09
Capítulo 1	
A Construção do Uberabinha no Imaginário da Imprensa Local.....	10 - 55
Capítulo 2	
São Pedro do Uberabinha, uma cidade espetáculo: um olhar por entre os bastidores.	56 - 111
Considerações Finais.....	112 - 114
Referência Bibliográfica.....	115 - 116

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

Data

/ /

INTRODUÇÃO

A idéia desse trabalho surgiu a partir de um estágio realizado no Museu Municipal de Uberlândia via Prefeitura/UFU.

Nossa tarefa inicial foi de se levantar dados sobre o acervo totalizando aproximadamente 1500 peças, entre elas painéis de ferro, máquinas de matar formiga, cangas de boi, arados, roda de fiar enfim mobiliários até então com poucas informações. Desta forma, éramos orientados por um museólogo da Bahia e por historiadoras funcionárias do Museu, responsáveis pelo levantamento bibliográfico acerca do município na perspectiva de identificar as peças para exposição bem como para definição da proposta conceitual da instituição.

Conhecendo o acervo surgiu a necessidade de contextualizar aquelas peças que, boa parte, já se encontravam extintas de nosso cotidiano e que a industrialização e modernização se encarregaram de substituí-las por máquinas mais práticas e velozes até mesmo porque o acervo data de um período que a eletricidade ainda não estava inserida nesse meio como por exemplo as lâmpadas, candeias, ferros a brasa de passar roupas e outros.

O primeiro momento é de estranheza pois ao observarmos a cidade de Uberlândia atualmente não conseguimos encaixar aquelas peças além do choque pois muitas vezes não nos remete a memória ou a idéia de que essa cidade já foi tão ruralista e que sua população usufruía daquelas peças.

O contato com as fontes bibliográficas encontradas no Arquivo Público Municipal e a utilização da história oral para remontar dados que completassem as informações quando insuficientes instigava ainda mais.

O Estatutos e Leis da Câmara Municipal (Código de Posturas) de 1903 embora não tenha sido utilizado nesse trabalho completamente nos leva a pensar como teria sido a Uberlândia naquele tempo. Havia punições para tudo e através das proibições revelava-se uma cidade completamente diferente do que é hoje, por exemplo, as proibições em relação a bois, cachorros e animais que andava soltos nas vias públicas.

Foi nesse momento que as dúvidas começaram a existir, pois através dos jornais foi se construindo um imaginário ideológico em que nos remetia a acreditar que Uberlândia no início do século era uma cidade maravilhosa, limpa, higiênica, organizada e com um povo calmo e trabalhador.

Observando mais atentamente as reclamações de problemas mais ligados ao saneamento básico foi que se começou a perceber se não uma outra cidade, pelo menos uma discrepância no que era colocado através do discurso ideológico da imprensa escrita e da realidade da cidade. Este trabalho é uma tentativa de aproximar as duas versões.

A proposta não é de destruir a imagem de glamour acesa desde os primórdios da cidade e que perduram até os dias atuais, mas de apontar outros caminhos que nos levem a aproximar os fatos à cidade chegando a uma conclusão menos inflamada e mais realista em que se mostra que a cidade através dos políticos que tudo fizeram e através de grandes influências conseguir as grandes conquistas para esta cidade. Seja através da via férrea grande propulsora do desenvolvimento Uberlandense e que fez com que a cidade se tornasse mais conhecida e expandindo seu comércio bem como outros marcos

como a ponte Afonso Pena; mas que essa mesma cidade enfrentou problemas de estrutura como toda cidade pequena no início de sua formação (falta de água potável encanada, energia elétrica, saneamento básico, asfalto...).

Nosso propósito foi discutir o importante papel da imprensa escrita na construção do imaginário da cidade de Uberlândia no período de 1907 a 1916.

Esse corte cronológico é em decorrência de que a partir de 1916 a cidade já começa a tomar novas feições, caminhando para um progresso mais acentuado ainda que o processo de *“modernização e a sua inserção econômica no mercado regional comecem a consolidar-se na segunda década do século”* como pudemos perceber através do trabalho de SOUSA & LIMA(1998)¹.

O ano de 1907 eleito nesse trabalho ocorre pelo fato de ser a partir desse ano que teremos uma continuidade mais acentuada dos jornais.

Privilegiados, dessa maneira, o jornal *O Progresso* que sendo de maior tiragem é o mais contínuo onde terá sua publicação de 1907 a 1914.

Um fato interessante que observamos é que não houve em grande escala a preservação dos documentos jornalísticos de contestação. Os mesmos que pudessem retratar uma história diferente daquela em que era relatada pelo *O Progresso* um jornal que, ligado com os políticos vigentes, muito pouco apontava as dificuldades físicas de Uberlândia e menos ainda se queixava da administração pública. Quando havia algo à reclamar fazia ao governo do Estado ou fazia com a intenção de chamar os particulares

¹ SOUSA, Maria Núbia A., & LIMA, Sandra Cristina F. de. *Pesquisa referente a história de Uberlândia no período compreendido o século XVIII e o ano de 1908*. Uberlândia, Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura, Museu Municipal de Uberlândia, 1998. Mimeo. p. 116

a se mobilizarem. Por isso encontramos em grande parte uma forte admiração pela câmara acompanhada de defesas e crítica dos opositores.

A existência dos jornais de contestação se faz presente quando o jornal *O Progresso* critica a *Voz de Uberabinha* de estar acusando os administradores públicos de não estarem repassando bem o dinheiro público e outras reclamações em que *O Progresso* se coloca na defensiva. Também num teatro apresentado por crianças representam a imprensa local destacando o *Martello* e a *Voz de Uberabinha*.

Em 1914 Moizés Santana redator de *O Paranahyba* fez críticas à polícia, a qual defendia o professor Honório Guimarães. Este teria atirado no redator do jornal.

O Pentasilgo por este ter lhe criticado no folhetim. O redator foi obrigado a não mais circular seu jornalzinho. Aqui fica clara a idéia de que para se manter um jornal de oposição era preciso estar muito bem amparado por protetores pois a politicagem era acirrada não se conseguindo sobreviver criticando os poderes vigentes: ou deveria se colocar ao lado deles ou arranjar um forte apoio. Caso contrário, desistir desse trabalho.

A imprensa ligada ao poder vigente camufla fatos que poderiam nos auxiliar em nosso trabalho.

Dentre esses documentos jornalísticos podemos destacar outras bibliografias que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Ao ler o livro de José Murilo de Carvalho², percebemos o quanto essa obra foi importante para execução deste trabalho. Tentaremos desta forma elaborar algumas

² CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

contribuições que nos foram mais pertinentes não querendo com isso desmerecer outros que ficaram sem ser mencionados.

Um dos pontos é a contextualização rica em informações do período – fim do império e início da República.

O outro foram as contradições entre se implantar um regime republicano cuja essência deveria ser um governo popular, que deixa evidências de exclusão da participação popular no governo, reforçando e se alicerçando sobre a ideologia liberal pré-democrática.

Ainda a compreensão histórica da obra que nos dá uma possibilidade marcada pelas riquezas de suas informações, de realidade sobre os temas república, cidade – Rio de Janeiro, como berço de valores importados da Europa e que era o palco dessas agitações do período e cujas reflexões norteavam o país. E a cidadania tema abordado no sentido que o exercício da cidadania foi cortado pela raiz a partir do momento que a República, ao ser consolidada quis fazer da capital, Rio de Janeiro o modelo, como exemplo, para se manter e mostrar seu poder perante a Europa através de comportamentos importados.

Mas o povo brasileiro, não se enquadrava em tais comportamentos, tanto político, quanto cultural. Assim era a República sem cidadãos. Para o povo o poder permanecia longe de controle e compreensão.

A participação comunitária deveria ser revertida em participação cívica fazendo jus ao nome de República.

A importância da cidade enquanto palco do desenvolvimento da cidadania é o que buscamos nesse trabalho ao focar Uberlândia, sua história e outras possibilidades não mencionadas nos registros oficiais.

A relação República, cidade e cidadania que, para José Murilo, continuaram dissociados e, talvez por isso, hoje novas investigações sejam feitas para melhor compreensão dessa realidade como a proposta desse trabalho de recuperar, na cidade de Uberlândia que não foi mostrada pelos relatos oficiais, o que deixa uma cidade vitrine, nome utilizado por Carvalho.

Outra importante obra foi a pesquisa de SOUSA & LIMA(1998)³ em que, fazendo um apanhado geral desde a entrada dos bandeirantes a esse território vem narrando uma história instigante que nos deu aparato de reafirmar algumas idéias existentes, bem como, compreender outras que nos ficavam no obscurantismo.

Além do mais essa obra foi elaborada posterior à saída dos estagiários do Museu Municipal sendo utilizada fontes que, juntamente com as autoras, foram por nós coletadas.

De linguagem clara e didática essa obra fez uma remontagem desse período proposto encaixando, nesse contexto, parte dos objetos encontrados no Museu bem como o uso desses utensílios no cotidiano da população Uberlandense. Podendo assim iluminar nossas idéias do que teria sido Uberlândia nesse período.

³ SOUSA, Maria Núbia A., & LIMA, Sandra Cristina F. de. *Pesquisa referente a história de Uberlândia no período compreendido o século XVIII e o ano de 1908*. Uberlândia, Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura, Museu Municipal de Uberlândia, 1998. Mimeo.

A leitura de Nicolau Sevcenko⁴ é de grande valia na compreensão das transformações materiais ocorridas no Rio de Janeiro bem como os conflitos sociais em que fica evidente o anacronismo das transformações da cidade em termos materiais e a população pobre que não se encaixava nessas mudanças.

Esse livro nos ajudou bastante na compreensão da cidade do Rio de Janeiro na instauração da Primeira República compreendendo, em especial, como os mendigos, a população mais pobre ia sendo bruscamente afastada do meio social, sendo jogados às margens da cidade por não conseguirem, financeiramente, acompanhar aquele ritmo frenético de demolições, onde os velhos casarões davam lugar as casas de pensões e hotelarias. Essa população se refugiava para os morros onde não era possível ser feitos projetos arquitetônicos.

A cidade precisava se estruturar urbanisticamente pois havia uma discrepância com seu antigo estilo colonial com as demandas do novo tempo. Era preciso mudar hábitos sociais e cuidados pessoais. Essa luta constante com os antigos hábitos sociais e o atraso, era também contra as trevas e a ignorância que travavam o progresso e a civilização.

Tudo nesse momento foi transformado, até mesmo as relações sociais que serão marcadas pelo padrão econômico extinguindo o sentimento e a solidariedade social.

As pessoas iam sendo violentamente proibidas de ter os antigos hábitos. Daí são proibidas as festas religiosas e até mesmo a boemia que passará a ser associada a vadiagem. Era preciso que todos se ocupassem com o trabalho contando com a polícia

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criações culturais na primeira República*. 2^a ed., Brasiliense, 1985

para se manter a “ordem”. Era considerado vadio todo o indivíduo que não tivesse domicílio, sem querer saber os verdadeiros motivos daquela pessoa não o possuir.

Nessa perspectiva essa obra foi de grande importância no sentido em que veio nos dar uma idéia geral dos acontecimentos do país sendo essa cidade palco histórico desse período de transformações.

O que nesse trabalho é a construção do imaginário ideológico da cidade de Uberlândia pela imprensa escrita ao passo que posteriormente podemos, através dessa mesma fonte via reclamações, apontar alguns problemas materiais que passavam seus moradores.

Problemas esses como saneamento básico e pequenas coisas corriqueiras que nos revela a intenção da imprensa como divulgadora e propagandista do progresso. Tentando através de seus discursos fazer com que a modernização fosse real na cidade.

Não poupando sacrifícios tudo fez para construir essa imagem, chamou aos particulares para contribuir na formação da cidade, apoiou e defendeu a política local vigente, criticou o governo pelo descaso que deixava o município, apontou as vantagens naturais e chamou a população a higienizar-se e, numa tentativa desesperadora, tudo fez para que, principalmente, o forasteiro visse nessa cidade o progresso, a modernização, a civilização.

Era muito importante para esses cronistas que se divulgasse o andamento de Uberabinha, torná-la conhecida, famosa e acima de tudo, lutar para que ela estivesse entre as melhores do Triângulo e de Minas.

Diante dessa perspectiva, propusermos mostrar neste trabalho, a formação da cidade, firmada num discurso ideológico social, apontados pelos jornais local,

contrapondo com problemas materiais e sociais, visto por essas mesmas fontes, que tentaram esconder as problemáticas desse mesmo espaço. Assim sendo, a redação final deste trabalho esta organizada em dois capítulos.

No primeiro apresentamos as fontes jornalísticas pesquisadas, bem como o papel da imprensa vista pelos redatores destes jornais, logo apresentamos a cidade de Uberabinha construída num discurso ideológico social.

No segundo capítulo, utilizando da mesma fonte, contrapomos o discurso ideológico social apresentado pelos redatores e suas reclamações. Com isso, pudemos apontar uma cidade com vários problemas sociais e materiais, que foram ao longo dos anos camuflados, no intuito de propagar e divulgar o progresso através da imprensa, inserindo a cidade num contexto modernizador. O uso de fotografias é um recurso utilizado para mostrar ao leitor o contraste existente entre o discurso e a realidade, bem como, convidá-los a soltar a imaginação, saindo desse espaço modernizado que hoje nos circunda, indo ao passado, ainda que num rápido espaço de tempo, para assim compreender o que propomos apresentar neste trabalho, ou seja, a dicotomia entre o discurso pregado pela imprensa local e a realidade do espaço aqui retratado.

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DE UBERABINHA NO IMAGINÁRIO DA IMPRENSA LOCAL

*“...A imprensa, quando não se deixa arrastar por mãos
caminhos, quando honesta e criteriosa, é, incontestavelmente,
o maior factor do progresso, (...)”¹*

O papel da Imprensa é de fato de suma importância para a divulgação e o crescimento de uma cidade.

A priori será colocado como foi a contribuição da Imprensa escrita na construção do imaginário da cidade de Uberlândia no início do século, ainda que revelando num discurso inflamado aspectos dos quais não comprovando uma veracidade de fatos.

A imprensa começou nessa cidade logo cedo, com o jornal *A Reforma* datando seu primeiro número em 1897, tendo como responsável o professor João Luiz da Silva. Mas é a partir de 1907 que os periódicos terão uma continuidade assídua. É lícito lembrar que houveram vários jornais, no entanto, são poucos os que foram resgatados e que hoje poderão nos ajudar na montagem de um processo histórico. Cabe aqui dizer que a falta de jornais de contestação, que nos remete a acreditar que

¹ Jornal a Nova Era 01-01-1907 nº 01

houveram, pelos nossos estudos, nos prejudica em alguns momentos, dificultando a pesquisa.

E como já dissemos é a partir de 1907 que teremos uma continuidade desses jornais. Daí a preferência pelo mais contínuo como *O Progresso*, não deixando de prestigiar a grande importância que *O Parahyba*, *A Nova Era*, *O Brasil*, *O Binóculo*, *A Livraria Kosmos* e o *O Commercio* que serão de fundamental importância para esse trabalho.

Não sabemos quais os motivos reais do não preservação dos outros jornais existentes, uma vez que no local onde foi feita a pesquisa não os encontramos. Sabe-se da existência dos mesmos por serem citados em outros jornais e pelo fato de que, em alguns momentos, os redatores desabafaram falando das perseguições aos redatores de oposição perante o poder vigente. Tendo ainda um artigo em que fica evidente a perseguição a um jornalista que achando por bem fazer algumas considerações contrárias as atitudes de certos membros da sociedade, que considerados pelo meio, como pessoas influentes desencadeia-se uma série de agressões verbais acompanhadas por um tiro de arma de fogo. O agressor, uma das pessoas, a qual, foi criticada pelo jornalista, sem grandes problemas vai para casa. E dias depois o redator e proprietário do jornal foi proibido de continuar circulando seu jornal na cidade. Prova evidente de que para se articular nesse meio se deveria ter bons protetores ou seguir as regras conforme eram ditadas pelos detentores do poder vigente

O jornal *Nova Era* num de seus artigos intitulado “*Unamo-nos*”², diz ser forçoso confirmar mas que nada estava sendo feito pelo progresso da cidade e que o

² Jornal a Nova Era 16-01-1907 nº 03

povo deveria ser atendido em suas justas reclamações e que a imprensa Sertaneja era vítima da opressão do mandonismo de aldeia. Segue falando do jornal “*A Semana*” que dizia ser difícil viver quando não se defende partidos políticos e quando visa o bem geral.

Outro fato que confirma a existência de outros jornais é quando se realiza um teatro infantil em 1912, onde as crianças representam a imprensa local citando *O Progresso*, a *Voz de Uberabinha*, a *Escola*, a *Livraria Kosmos* e o *Martello*.

Segundo o jornal *O Correio* de 1948 num período de 50 anos, muitos jornais surgiram e desapareceram, mas entre tais os mais importantes foram: *O Progresso*, que durou de 1907 a 1914 dirigido por Bernardo Cupertino; *O Brasil*, sendo o proprietário Zacarias de Melo; *O Paranahyba* de Moisés Santana; e outros que não fizeram parte de nossa pesquisa.

Quanto ao que neles encontramos, além da política nacional e internacional, as doenças da época e outros assuntos, muito pouco é falado das condições do trabalhador, das reivindicações nacionais, do operariado em geral, da forma de vida explícita dos miseráveis da cidade e arredores. Dos problemas sociais em que os habitantes de Uberabinha passavam, da miséria nua e crua, dos negros, dos doentes, das discriminações, dos preconceitos. Em geral de formas de vida e más condições, isso tudo era ocultado nesses jornais.

Observamos também que os jornais se dirigiam ao povo de forma abstrata. Diziam existir para o povo, mas não especificava a qual povo se referiam, se dos pobres, dos desempregados, trabalhadores ou dos proprietários, comerciantes, capitalistas e políticos.

Em geral, grande parte da população brasileira era analfabeta, o que não foge à regra a cidade de Uberabinha. Haviam também muitos pobres e tais semanários eram pagos, dependendo inclusive do pagamento dos mesmos para sobrevivência. E para continuarem circulando era preciso que os leitores e assinantes, além de pagá-los, soubessem é claro, ler. Dessa forma divulgavam sobre a necessidade de instrução, do fim do analfabetismo, do atraso e pediam mais escolas. Podemos concluir com isso que esses jornais eram mais utilizados pelos homens de posse.

Ainda assim os jornalistas diziam trabalhar para o povo e pelo povo e que dependiam do auxílio do público fundamentalmente para se manterem.

Seguindo ainda a linha de pensamento dos redatores e proprietários dos jornais, a Imprensa vinha no auxílio do desenvolvimento moral, material e intelectual. Mas era preciso que amigos e assinantes andassem em dia com o pagamento. Para ilustrar melhor isso escolhemos a frase retirada do jornal *O Progresso* “*Um por todos e todos por um*”³, ou seja, era preciso que os assinantes os ajudassem comprando e pagando os jornaizinhos e com isso ele, proprietário manteria-se à disposição de concorrer na divulgação e propaganda da cidade.

O jornal *A Nova Era*, vinha no intuito de combater os erros, pregar a ordem, tanto do trabalho como da paz e da moral. Ela, a Imprensa, era o guia da humanidade. Assim ela mencionava em seus artigos:

*“Advogada dos fracos, dos oprimidos, da
virtude, da honra e da innocencia contra a devassidão,
do character, do bom e do justo, companheira da justiça*

³ Jornal O Progresso 12-01-1908 nº 17

e da lei, poderoso auxiliar das autoridades constituídas, é indizível o seu valor no seio da sociedade”⁴

Se assume ainda como não partidária, longe da política e independente. Seu redator era Nicolau Soares.

O Progresso revela que sua existência é no intuito de divulgar a riqueza da cidade em que se situa, fazer propaganda e concorrer para seu desenvolvimento. Isso era colocado como um dever de gratidão e fidalguia. De propriedade dos Cupertinoos, pai e filho assumiam a direção e redação do jornal. Assim Bernardo Cupertino e Joaquim Cupertino também viam no papel da imprensa como colaboradora da propaganda, progresso e desenvolvimento do local inseridos. A imprensa deveria acatar e proteger aqueles que desejam ver trilhar no progresso e na prosperidade a sociedade da qual faziam parte. Aqui, como nos outros, diziam trabalhar pelo povo e que só dele esperavam auxílio, também se coloca como não tratando de política e a serviço da coletividade.

Em seu 5º aniversário recebe uma carta de Burity que o coloca como um jornal “puramente republicano” que vinha recebendo posição de destaque no Triângulo Mineiro cumprindo seu programa, mantendo independência e fala das dificuldades que um jornal de interior sofre para se manter diante das contrariedades e provações mas que *O Progresso* estava se saindo muito bem sob a direção do Major Bernardo Cupertino.

⁴ Jornal A Nova Era 01-01-1907 nº 01

Essa dificuldade que a imprensa de interior enfrentava é mais uma vez revelada quando *O Progresso* parabeniza o jornal *Voz de Uberabinha* pelo seu primeiro ano. Pois para se consolidar era preciso ultrapassar essas barreiras e todas as dificuldades pelas quais deveriam passar um jornal interiorano.

Aproveitamos desse momento para confirmar a existência desse órgão publicitário no qual não tivemos acesso por não ter sido preservado por um colecionador como aconteceu com os outros com os quais pudemos realizar esse trabalho.

Até 1914 o jornal vem se assumindo como órgão independente político. Aceita as idéias liberais e independente de que rumos políticos tome o país. Se coloca em defesa da nação entre e tantas medidas coloca-se em defesa da liberdade do voto e verdade eleitoral, concessão de medidas de favorecimento às classes produtoras e aos deserdados da fortuna. Se coloca contra o jogo e a favor dos fracos e oprimidos. Ainda se vê como seguidor de uma orientação segura e ativa, sem ofensas e nem perseguições, sem bajulações, sem servilismo e outras posições, contudo contando com o apoio do público, se afirmando assim devido ao crescente aumento de assinantes. Dizia ainda prosseguir assumindo as mesmas posturas de imparcialidade, independência e moderação sem envolvimento com a politicagem apaixonada. Prossegue afirmando seu apoio ao povo defendendo-o em seus interesses e se mantendo longe dos meandros da politicagem.

Em 1914 fica Bernardo Cupertino saindo seu filho da redação ficando em seu lugar Moizes Santana, que posteriormente abandona *O Progresso* e assume *O Paranahyba* de onde teremos uma postura mais firme em relação aos problemas da cidade.

No jornal *O Brasil* tendo com redator Zacharias Alves de Ulhôa E. Mello e posteriormente proprietário, muito pouco foi pesquisado devido aos resumidos números encontrados.

O jornal *O Commercio* em sua carta de apresentação coloca a imprensa como sendo o veículo mais importante na condução e encaminhamento à civilização tão almejada, se propondo no direito de dizer tudo o que for de justiça esperando dos leitores o critério de tudo discernir. Ainda se coloca como todo órgão de publicidade local que luta pelos interesses da sociedade da qual fazem parte. Preservando assim o bom nome social e moral.

Embora alguns jornais se dizendo manter fora da política e de partidos políticos, o jornal *O Parahyba* se assume exclusivamente como órgão partidário. Seu proprietário Moizés Santana que outrora fora redator do jornal *O Progresso* se despede dos leitores dizendo assumir o compromisso de redator chefe do *O Parahyba*, cujo órgão era do Partido Republicano Conservador. Diz não mais poder manter uma atitude de imparcialidade pois *O Progresso* mantinha uma posição de alheamento aos interesses partidários e por esse motivo não deviam manter um redator político, se despede dizendo: “*Como simples collaborador, sem a solidariedade da redação, fico único senhor das minhas opiniões e me sinto melhor.*”⁵

Em relação ao que representa a imprensa e qual sua grande missão, para *O Parahyba* é ela o veículo das ciências, das artes, da literatura, da política; todas dependem da imprensa.

⁵ Jornal *O Progresso* 25-04-1914 nº 340

A imprensa se apodera das idéias de uma época, do sentir e conduz doutrinando pelo mundo como outrora fizera os apóstolos. Afirma: se caso houvesse jornais nessas remotas eras, seriam eles quem fariam tais tarefas.

Interessante fato, é comparar os veículos de comunicação: de um lado a tradição oral que é um instrumento de transmissão perigoso pois está sujeito à erros, desvios históricos, deturpando acontecimentos dando-lhes outras roupagens, gerando assim dúvidas. De outro lado o jornal registrando no dia a dia acontecimentos mundiais, discute sua propriedade de adaptação ao meio. Assim a imprensa escrita vergava os erros, corrigia-os, abrandava-os, e era acima de tudo o grande orgulho do século XX.

O progresso de um país era divulgado pelos jornais, sua administração, a maneira de governar, outrora apontando a miséria de um outro país devido a má direção governamental e sendo o jornal responsável pela opinião deveria ser franco e sincero. A individualidade do jornal era colocada de tal forma que mesmo sendo o jornalista um gênio ele se apagava para se tornar apenas a mão poderosa que movia tal aparelho.

Mas era preciso que a imprensa fosse livre, liberta das amordaças. Sendo assim *O Parahyba* se apresenta abertamente como órgão político, noticioso, literário. Agindo como órgão partidário.

O diretor desse jornal é colocado como alguém bastante conhecido nessa zona e que nunca a sua pena, modo de se referir a um instrumento de escrita dessa época, tenha amparado o forte contra o fraco, se colocando com dedicação à serviço das boas causas, do interesse do povo e das classes conservadoras. Será enérgico contra os desvios do poder, abusos e violências sejam quais forem as suas fontes.

Esse jornal é partidário do PRC (Partido Republicano Conservador) colocando-se no posto de soldado do chefe, Exmo. Sr. General Pinheiro Machado chefe do PRC.

Os folhetins da *Livraria Kosmos* apesar de terem sido pouco encontrados, vem no intuito de favorecer a cidade com suas divulgações, no artigo "*Instantaneas Uberabinhenses*"⁶. Eles dizem ter editado para festejar a inauguração da luz elétrica ocorrida a 24 de dezembro de 1909.

Sendo a cidade dotada de mais esse melhoramento, empolgado com tal feito mostra sua grande satisfação e abre essa seção, segundo eles, toda especial tendo a colaboração de amigos e que falarão de todos os vultos principais que compõem essa sociedade. Dizem ser imparciais, não tendo política. Alguns anos depois reaparece quando Uberabinha passa por novas reformas.

O Binóculo, jornalzinho pequeno de apenas três colunas, foi pouco pesquisado devido ao reduzido número encontrado. Esse jornal também diz não ser acenado por idéias políticas por ter um outro programa, mas sente-se no direito de louvar todos os atos, quer público ou particulares.

Embora todos os jornais se colocassem como fora de partidos políticos, neutros, imparciais, longe da politicagem, podemos perceber em seus discursos elogios freqüentemente feitos aos políticos da câmara, aos governadores que lhes favoreciam.

Já desde 1907 com o resultado da apuração de votos, o redator afirma ter sido a câmara dotada de patriotas, honrados cidadãos.

⁶ Jornal A Livraria Kosmos 25-12-1909 nº 5

Sendo as eleições de 1911 adiada o anúncio no jornal revela que a intenção do povo é de reeleger os mesmos camaristas, prossegue com uma série de elogios ao beneficiamento realizado por esses administradores municipais. Falando dos melhoramentos da cidade finaliza saudando o Major Alexandre Marquez, presidente da Câmara e agente executivo. E como se fosse pouco ainda foram colocado fotos do Major Alexandre e do Dr. Rodrigues da Cunha. Isso vem revelando as preferências políticas.

E como em época de política sempre aparecem as famosas intrigas aqui, o que tudo indica o jornal se coloca como defensor da Câmara e de seus dirigentes. Dizendo ser apenas intriga para preparar terreno para a futura eleição, algumas pessoas induziam o povo a não pagar impostos e se virar contra a câmara. Tais impostos segundo o redator, seria para beneficiar a cidade e o distrito de Santa Maria com conserto de ruas, encanamento e outros serviços necessários. É fabulosa a forma de defesa pois tentando puxar de todos os lados, apelam mostrando a negociação que a câmara vem fazendo para obter empréstimos com o governo do Estado. Mostra o esforço da Câmara nos melhoramentos necessários, demonstrando o que já foi feito e o que se pretende fazer para o povo. Elogiam a prosperidade do município diante da administração do Major Alexandre.

Os questionamentos feitos pelos opositores e a maneira de fazer com que o povo não pagasse impostos e vire contra os atuais administradores, é dado como futrica, intriga, inveja, ambição pois a administração atacada é honesta, operosa, de cidadãos úteis e o povo confia.

O que queremos aqui é revelar que ainda que tais jornais não se colocando dentro da política, todas as suas ações revelam ao contrário, que eles são políticos

sim. A própria atitude de defender determinados políticos contra outros políticos já é sinal de tomada de partido. A tal neutralidade que eles colocam deveria vir no sentido de defesa e acusação de ambas as partes e não apenas de uma. No caso, sabemos que políticos rivais acusam os políticos de situação quando o jornal se coloca na defesa desses políticos. Mas não sabemos o verdadeiro pensamento da oposição pois eles não tem, nesses jornais, o direito de acusarem ou de se defenderem e a tal “neutralidade” por tantas vezes citada escoa pelo ralo da “justa defesa”. Essa defesa não é demonstrada ou melhor, assumida como participação política do redator mas sim como defesa das causas justas. O que eles queriam dizer é que defender os agentes administradores não era ser político e sim justo, pois estavam sendo acusados injustamente.

O jornal *O Progresso* acuado pela *A Gazeta de Uberaba* devido a política local, na defensiva diz não pesar tal defesa do Partido Municipal e que não fazia isso por subvenção ou procuração mas pela causa justa e dever de Imprensa à subordinação do povo.

É muito interessante esse momento pois ao dizer que é pelo povo que faz isso, acusa o Partido Conservador no qual defendia *A Gazeta*, um partido em decadência, abandonado pelos melhores elementos. A todos repugnam, enojam os processos pregados por esse partido. Aqui deixa escapular um fato interessante, de que Lívio cuja pessoa escreve tal artigo, quando conhecesse melhor a capacidade dos seus protegidos “*disporá a pena infastigado de tanta perfidia*”⁷ como se esse fato fosse íntimo de que cada jornalista fosse encoberto por um protegido. Aqui pode parecer que a escrita tenha ficado mal esclarecida mas remete à hipótese de que houvessem

⁷ Jornal O Progresso 01-04-1911 nº 181

defensores de cada jornal. Além do mais quando se critica um partido em defesa do outro pode não ser intenção mas acabam por assumir uma postura política.

Segue ainda uma série de acusações em relação à política mas essas foram ditas , justifica o redator, não para atacar os adversários, mas para dar melhores explicações ao público que os lê.

Outra deixa muito interessante e que nos induz a acreditar que tal fato poderia acontecer, era de que os redatores poderiam ir para a seção a pedidos utilizando-se de pseudônimos para dizer alguma coisa, encobrindo outros indivíduos e não deixando claro sua atitude de apoio a determinados grupos.

Sempre que alguém vai falar de política, ou seja, uma outra pessoa e não os redatores do jornal, é em defesa de Alexandre Marquez e companhia. Não se vê por exemplo, alguém se utilizando desse veículo de comunicação para criticá-los. Acusações são feitas e evidenciadas quando se colocam a postos para defendê-los. Dessa forma defendem ser mentira que a câmara cria vexatórios impostos, oprime o povo com altos tributos. Dá até uma confusão feita entre criação de impostos de lavanderias, que de fato foi criado, e que diziam ter sido feito para as lavadeiras. Dizem ter-se forjado o significado das palavras. Defendem de todas as formas o Coronel Severiano Rodrigues, político administrado desse período.

O fato é que em momento nenhum quem fez tais críticas tem o direito de ir nesse mesmo jornal que se assume não partidário e imparcial, e fazer suas queixas. Um jornal que é em prol do povo seja quem for deveria permitir que tudo nele fosse divulgado. O máximo que foi feito nesse momento foi um desafio aos chefes Hermistas – ligados a Hermes da Fonseca que concorriam para a presidência da República - para que afirmassem pela imprensa ou em público tais acusações.

Acusações essas que citamos acima em relação aos impostos vexatórios. No entanto quem faz tal desafio assina pelo nome de Petronio e não é o redator ou proprietário desse jornal, o fato é que não encontramos por que os Hermistas não utilizaram desse mesmo meio de comunicação, que tanto defendia os chefes políticos, para transmitirem seus recados.

Tudo isso evidencia que a imparcialidade ficava apenas no discurso, pois na realidade, no fato concreto e escrito, a imprensa tomava partido sim. Em especial, *O Progresso* que foi o veículo mais usado nesse trabalho. A todo momento homenageava os políticos vigentes, fazia campanhas políticas, convidava e induzia o povo a votar. Ajudava a derrotar, por meio de palavras e acusações, os opositores aos administradores da câmara.

Não cabe aqui criticar a atitude dos jornalistas em tomar proveito da situação privilegiando e dando total apoio aos seus candidatos preferidos seja por vontade ou por oportunismo. Cabe a nós tentar revelar uma outra face, a de que o que se dizia não se fazia. A imprensa não era imparcial e o povo pelo qual ela dizia estar a serviço, era um povo restrito aos seus interesses. Para que se possa ter uma nítida idéia da propaganda política o trecho abaixo reforça a posição de defesa da imprensa aos seus partidos políticos:

“Estamos habituados a noticiar que o Sr. Coronel Severiano Rodrigues da Cunha , prestigioso e influente chefe político neste município, tem recomendado a seus amigos e companheiros, todo o apoio à chapa apresentada pela comissão executiva do Partido Republicano Mineiro,

*a fim de que não haja discrepância de votos, assim como se esforça para que compareça o maior número possível de eleitores (...)*⁸.

Em nível geral o Partido Republicano Mineiro era organizado mais em torno de líderes, coronéis, do que das próprias idéias e programas, ou seja, não havia um ideal fixo de partido o que mais pesava era a proposta do líder. No período de eleição era constante a divulgação dos acontecimentos políticos e o pedido de voto.

A briga da imprensa rebatendo a intriga de outros jornais era grande. Sempre afirmando, agora para a *Voz de Uberabinha* que a defesa não era por estar precisando a câmara de defensores pois essa não precisava, mas para desmascarar interesses ocultos. Dessa forma presta uma série de contas da Prefeitura terminando seu artigo na esperança convicta de que ao se eleger novamente a câmara consiga prosseguir com sua atuação de cumprir os seus deveres que ficarão nas páginas da história e do progresso de Uberabinha.

Ainda afirmando ter sido de aspiração popular a reorganização do Partido Republicano Municipal de Uberabinha e que devido a isso se teria pouco a pouco os melhoramentos da cidade, e revelam que os candidatos à chapa de vereadores e juizes de paz há muito anunciado por eles, nada deixava a desejar.

Pedindo para que se fosse o mais neutro possível, o chefe de polícia do Estado dirigiu uma circular a todas as autoridades policiais do Estado. O delegado de polícia do município fez publicar o mesmo edital pedindo que fossem neutros os delegados e chefes políticos, evitando assim maiores atritos. Mas o redator afirma que não terão

⁸ Jornal O Progresso 27-01-1912 nº 223

alteração da ordem pois o diretório do Partido Republicano Municipal, presidido por Severiano Rodrigues, em sua administração garantia a prosperidade do município. E quem era amigo do progresso e da paz votaria nos candidatos por ele apontados. Esse clima de política segue até final de março de 1912 quando acontecem as eleições sendo vitoriosos os componentes da chapa de Rodrigues da Cunha.

Por diversas vezes a imprensa defende a Câmara e é questionada e criticada pelo apoio dado a essa chapa e, como essa inana vai e volta, num arrebate a *Voz de Uberabinha*, *O Progresso* afirma que se acompanhavam o partido era por convicção própria e por conhecimento da idoneidade dos membros mas, não eram órgão do partido. Truculentamente afirma que o mesmo não acontecia com o colega, pois apesar da hipocrisia do programa de fundação havia uma parcialidade política e, ligados a chefes dessa política, não poderia ter outra orientação a não ser essa pela qual pertencia. E com isso encerra afirmando que: “*Defender sem razão pode ser um erro, caluniar sem motivo é um crime*”⁹.

Vira e mexe está lá *O Progresso* defendendo a Câmara, a *Voz de Uberabinha* parece estar sempre cutucando. Infelizmente não temos os dados corretos da acusação da *Voz de Uberabinha*, do que realmente era criticado por não ter em mãos tais documentos, mas em defesa da Câmara podemos perceber que era em relação a prestação de contas, apoio político, impostos. E quando atingia a pessoa de Rodrigues da Cunha imediatamente dizia estar esse ilustre senhor, acima de qualquer suspeita.

Dessa forma percebemos que cada jornal fazia sua política sendo *O Progresso* de maior acesso e utilização em nosso trabalho. Devido a sua continuidade regular,

⁹ Jornal O Progresso 02-03-1912 nº 228

observamos com maior frequência a dicotomia do discurso e da ação: onde dizia não ser partidário e defendia um partido acusando o outro.

No que se concerne à construção da cidade, via um discurso progressista, podemos imaginar uma cidade e utilizando do mesmo recurso, o jornal, através de reclamações, pedidos de melhoramentos e queixas, entre uma brecha e outra, podemos imaginar uma outra cidade.

Como já dissemos a imprensa foi um grande suporte para a modernização de Uberabinha. Foi ela que sugeriu, incentivou, brigou, defendeu, fez tudo para que a cidade prosperasse.

É interessante analisar a que pé ficava a cidade pois, em um momento era a melhor do Triângulo ou caminhava para isso. Essa análise era vista na perspectiva de construir e elevar a cidade a tal nível. De outro lado era ruim por ser esquecida pelo governo Estadual. Nessa balança ia sendo mediada conforme o interesse momentâneo que poderia ocorrer até de um dia para outro. Importa saber que a imprensa foi grande propulsora no crescimento da cidade.

Uberabinha, em 1907, sem energia elétrica, já está colocada lado a lado com as melhores e mais adiantadas cidades do Estado. Bastava apenas que deixassem a política de lado, que muito fala e pouco age e, compreender que não nasceram para o próprio proveito mas para serem úteis e auxiliares à sociedade.

Sempre que se inaugurava alguma coisa ou se conquistava outra seja aumentar o número de lampiões nas ruas, inauguração da máquina de beneficiar arroz, logo se anunciava que a cidade caminhava para um próspero futuro.

Em 1907, o redator fazendo uma retrospectiva do que fora a cidade três anos atrás, disse que naquele momento já se tinha uma zona florescente, cheia de

ramificações por todos os lados: econômico, financeiro, comercial e progresso na lavoura e na indústria. Isso se devia ao intenso trabalho dos comerciantes, e a honestidade dos habitantes. Fazer com que a cidade cresça e se torne próspera, é introjetado aos seus habitantes, tanto filhos da terra como pessoas que vieram de foras mas que nutriam pela cidade total amor para que ajudassem a torná-la assim.

Seria como um dever cívico, social e patriótico e melhorar a cidade na qual viviam, tanto melhoraria para si mesmo, como para todos os indivíduos nela residentes.

Em destaque, a posição geográfica é a todo momento colocado como parte integrante do desenvolvimento do município. Citações como aspecto agradável, clima ameno, ubérrimas matas são encontradas diversas vezes.

A localização topográfica, os rios Uberabinha e Rio das Velhas que a circundam vem contribuindo para a elevação de próspera cidade. Tudo parece ter contribuído para esse maravilhoso cenário. A cidade, fadada a ser futuramente um grande pólo do comércio e da indústria tem como força motora a propaganda da imprensa que tanto espalha seus recursos e divulga seus bens naturais como tem grande força na formação das consciências. Ora elogiando os políticos, criando uma imagem de fortes homens, justos, protegendo e defendendo a imagem dos políticos detentores do poder, calando as diversidades, as oposições. Outras vezes construindo e elevando o cenário de Uberabinha. Empurrando a todo custo a cidade para que assumisse um lugar de destaque pois, tudo tinha para ocupar esse espaço. Tinha um povo laborioso, políticos honestos, tinha o melhor clima para uma cidade que eminentemente era ruralista e estava situada entre São Paulo, Goiás e Mato Grosso.

Mas o mais forte em tudo isso foram os políticos que buscavam apoio fora e conseguiam conquistas importantes para a cidade.

Estava também encampado nesse surto de progresso os jornalistas que chamavam a ação, produziam “consciência” mostrando o que deveria ser feito em relação à educação, aos pobres, como fazer a higienização. Por diversas vezes batiam numa mesma tecla por tempos à fio pedindo mudanças, sugerindo, criticando, elogiando, construindo a passos rápidos a imagem de Uberabinha, a urbs civilizada.

SEVCENKO (1985)¹⁰ faz uma interessante comparação entre um texto de José de Alencar de 1857 e Vicente de Carvalho de 1916 em relação a paisagem brasileira. O panorama natural é visto com o mesmo ufanismo representados pelos escritores românticos. Nos dois casos, faz referencia a uma imagem de natureza virgem, prodigiosa intocada pela mão do homem. O que os difere é a separação do meramente decorativo do imediatamente utilitário. É que José de Alencar se refere ao adorno, o enfeite, a formosura da natureza local, da coreografia, que seja a fúria do rio, a languidez do lago, o bordado das flores. Já para Vicente de Carvalho, a beleza, o decorativo é no intuito de aproveitamento. Dessa forma, a “*plumagem mais linda*” das aves chamam-lhe a atenção por torná-la “*mais cara*”. Se para um o espetáculo está na degustação passiva dos sentidos, para o outro a riqueza da natureza excita o desejo de apropriação e consumo.

Assim podemos perceber também nos textos jornalísticos de Uberabinha que grande parte dos artigos encaixa sempre entre as admirações, a possibilidade de um futuro comércio, de uma futura indústria que é mostrada ornamentada por

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 2ª, Brasiliense, 1985, pp. 237-242.

atrativos que induzem apropriação, consumo e vantagens. Assim aparecem escritos nos jornais:

“Collocada em extenso platot, sobre elevada colina, de aspecto agradável, clima ameno e circundada pelas extensas e uberrimas matas dos rios; Uberabinha e do Rio das Velhas (...) acha-se esta cidade fadada a ser um próximo fucturo, importante centro de indústria e commercio”¹¹.

As cachoeiras naturais sendo de água cristalina e potável da qual, as dotou a natureza, parecem encher os olhos não só de beleza mas de contentamento no que elas representam. Futuramente poderiam ser aproveitadas para fornecimento da luz pela sua grande força motriz. Ainda assim apresentam as vantagens do explorador pois quem as utilizassem nesse virtuoso investimento poderiam ver seus capitais multiplicados.

Veja aí como é tecido o discurso, mostra-se inicialmente a beleza do lugar, as vantagens, logo joga-se a rede de aproveitamento. Isso posteriormente seria lucrativo para a cidade pois ainda nesse momento ela não era dotada de energia elétrica, a grande investida era a sua modernização. Por esse motivo o jornalista se empenhava tanto em despertar a cobiça dos capitalistas ou quem tivessem mais condições em promover ali tal investimento.

¹¹ Jornal A Nova Era 06-04-1907 nº 14

Anos atrás já haviam tentado a instalação de uma máquina de tecidos usufruindo dessa mesma cachoeira, mas justificam não terem conseguido por falta de espírito empreendedor. Daí apontam as vantagens, a facilidade de matéria-prima no caso da máquina, era muito fácil a obtenção de algodão na cidade pois o solo era bem fértil e a cultura algodoeira extensa. E daí por diante alastrando a idéia pois além da máquina poderiam fornecer também eletricidade para os municípios vizinhos.

Ainda que tidos como utopistas, o que em vários momentos serão chamados assim, eles acreditavam que alguém ainda faria tal investimento, mesmo porque não se cansaria em fazer propaganda e abrir os olhos dos investidores. Usando como recurso de comprovação, afirmam que os Estados Unidos do Norte que ia avançando na via do progresso, conquistando espaço entre as primeiras nações da América com suas empresas, jamais dispensaria um motor gratuito como esse e que o tendo aqui tão facilmente nada se fazia no seu usufruto.

Como já falamos anteriormente o discurso é de acordo com seus interesses pois utilizando da frase: *"Aqui nada se faz pelo futuro"*¹², vão calcando suas afirmativas de que é preciso modernizar. E através desses puxões de orelhas, vai se tentando engatar a cidade num patamar mais alto da qual ela deveria estar inserida.

Para esses jornalistas os capitalistas só se interessavam por ganhos rápidos. Qualquer investimento a longo prazo estaria fora de cogitação. Era por isso que ora elogiava, pois era vantajoso fazer propaganda do município e depois criticava no intuito de alertar os investidores para que ajudassem na evolução do local no qual estavam inseridos.

¹² Jornal A Nova Era 13-04-1907 nº 15

Quando se desejava um melhoramento as lástimas iam longe e a qualquer momento que tinha uma pequena brecha, logo a aproveita para voltar àquele assunto como se as coisas fossem obtidas pelo cansaço.

Se alguém sugere um novo nome a Uberabinha como Heliopolis¹³, logo era feito um discurso imenso voltando e reafirmando uma reivindicação: *“E as águas lá vão, encantar a beleza de Diana e a quatro Km despenham-se numa torrente encantadora, num salto de muitos metros, onde podia aproveitar-se muitos milhares de cavallos de tracção.(...)”*¹⁴. O que se pretendia com isso era mostrar os recursos que tinham para se instalar a energia elétrica, bastava maior desempenho, além disso era mais uma chance para mostrar os bens naturais que a cidade possuía.

As considerações feitas, a natureza da cidade era sempre no intuito de sugerir aproveitamento: se o solo era fértil indicava ser propício e adaptável a qualquer cultura tendo a imensa vantagem da irrigação natural. Se possuía excelente clima com um rio e muitas cachoeiras e estas eram suficientes para moverem muitos maquinismos. As considerações feitas a natureza caminham puxando consigo quem as explorassem e consequentemente modernizassem a cidade.

Numa visão progressista a imprensa vai tecendo uma cidade, a qual, ela queria ver construída. Dessa forma ao lermos os jornais da época em que vêem na contribuição de elevação da cidade esperada, imaginamos uma cidade idealizada sem pobres, mendigos, saneada, clara, limpa, industrializada e modernizada.

A seguir mostraremos uma cidade que existe num discurso inflamado aspirado através do discurso jornalístico o que se esperava de Uberabinha. Com isso, era essa cidade, traçada nas linhas latejantes de um sonho, de um desejo.

¹³ Heliopolis quer dizer cidade da luz.

Ao se ler num noticiário dos jornais da época em que dizem concorrer para a propaganda e divulgação da cidade, podemos imediatamente imaginar um tipo de cidade que nos propomos descrever a seguir.

Uberabinha por diversas razões teria já o direito aos foros de região civilizada, diziam os propagandistas. Como já citamos, por sua topografia, pelo clima, os rios, as matas, o solo fértil, possuía já regalias e comodidades e pela sua posição geográfica que muito contribui para sua expansão. Além do mais, conta com importante apoio de um povo laborioso, de representantes do povo que tem muita força de vontade e energia. Outro motivo é ter sido colocada à margem de importante via férrea.

Em 1895 chega a cidade a Estrada de Ferro Mogiana o que posteriormente muito contribuirá com a urbanização do município. Cabe aqui um fato interessante encontrado no trabalho de pesquisa de SOUSA & LIMA (1998)¹⁵ onde dizem ter encontrado numa ata de 1895 a cidade dividida em duas partes, uma nova e uma antiga. Elas dizem que provavelmente a parte nova teria início na atual rua Santos Dumont terminando nas proximidades da estação ferroviária da Cia Mogiana, atualmente Av. João Pinheiro com a Rua João Pessoa. No entanto nesse período é mencionado a planta da cidade nova e não a existência concreta dessas ruas, daí acreditar não estar povoada na “parte nova”. A conclusão que tiram disso é de que o fato de se querer expandir o núcleo urbano para além da matriz estaria relacionado com a instalação da Mogiana em uma localização que, na época era considerada afastada do povoamento urbano. A Cia Mogiana, uma das maiores em importação e exportação, mantendo com os vizinhos grandes transações comerciais sendo o

¹⁴ Jornal O Progresso 20-10-1907 nº 05

¹⁵ SOUSA, Maria Núbia A. & LIMA, Sandra C.F. de. *Pesquisa referente a história de Uberlândia no período compreendido o século XVIII e o ano de 1908*. Uberlândia, Prefeitura Municipal, Secretaria de Cultura, Museu Municipal de Uberlândia, 1998, pp.57-58

interposto mercantil do sul goiano reunia uma boa soma de dinheiro contribuindo e expandindo o progresso do município. Isso seria bem mais vantajoso quando realizada a obra da ponte sobre o Rio Paranaíba.

Resta lembrar que ainda que tenha sido uma importante conquista, mas as charretes, as carroças e os carros de boi foram, além de requisitados, de suma importância para o transporte não sendo de todo extinto após a via férrea. Para SOUSA & LIMA (1998) a inexistência de veículos auto-motores associada a ausência de estrada de rodagem tornaram tais carros fundamentais no funcionamento do comércio:

“Nem com a chegada da Cia Estrada de Ferro Mogiana em Uberlândia no ano de 1895 esses carros perderam a sua importância, pois os trilhos de ferro, fossem esses as fazendas adjacentes, fossem os arraiais vizinhos, era realizado pelo transporte das mercadorias via carro de boi.”¹⁶

Encontramos ainda, nesse mesmo trabalho, dados interessantes em que após a chegada da Mogiana tais carros eram de grande serventia nos transportes regionais, principalmente como a construção da Ponte Afonso Pena, o que será discutido mais à frente, e com a inexistência de estradas de rodagem ligando o norte do Triângulo ao sudoeste de Goiás (1913) e esse trajeto era feito através de carros de boi.

¹⁶ idem, p.150

Desde muito cedo, como já dissemos, se falavam do adiantamento da cidade que se revelava, segundo eles , não somente para sua população mas vista também por gente de fora.

Freqüentemente se encontra artigos elogiando o adiantamento da cidade, que num certo espaço de tempo poderia se tornar uma das melhores do Triângulo Mineiro. Nesse circuito vinha a Câmara de todas as formas lutando para dotar a cidade com conforto, higiene e comodidade e assim por diante.

É fato constatado que bem antes de se conseguir tais melhoramentos já era divulgado com anúncios “em breve”, “não demora muito”, “dentro em pouco” e assim ia anos até que tal feito fosse realizado, porém nos anúncios a idéia persiste que realmente fosse breve como se de fato fosse. Queremos dizer que a propaganda vinha muito antes da realização e que, no intuito de se conseguirem o que pretendiam, já começavam divulgando mesmo que se demorasse anos para se realizar. E é nesse patamar de esperança que se construía a cidade mesmo a base de muito sacrifício.

A idéia da imigração é bem vista no sentido de que para eles sempre estavam chegando pessoas que contribuíam para o crescimento da cidade. Esses que trabalhavam para a prosperidade do lugar eram recebidos de braços abertos. Se tal fato acontecia era devido aos melhoramentos do município que atraía cada vez mais espíritos empreendedores. Fato de grande importância aqui relatado é que havia iniciativas particulares, boa vontade, boa orientação da administração municipal, os fatores naturais que em todas as instâncias são lembradas, ou seja, a uberdade do solo, a posição geográfica que somados contribuem para a ascensão do comércio. Nesse período a população de Uberabinha era de aproximadamente 15.000 habitantes.

Nas prestação de contas no final de 1908, ela era considerada justa conforme noticiavam, colocando que a Câmara empregara bem seu dinheiro em melhoramentos para cidade e num clima de euforia dizia-se que os melhoramentos iniciados e outros tanto realizados era motivo de gloria para a patriótica e honesta Câmara e que mais uma vez entraria essa atual administração para história de Uberabinha numa época em que iniciava um desenvolvimento moral, material e intelectual.

No folhear de cada página de jornal são incansáveis as lamorosas falas e gracejos diante do avultado expandir do município. Martelando incansavelmente vão moldando a cidade. E a imagem de cidade que se cria, vista desse ângulo, é de glamour, enriquecimento, luxo e conforto. Se as rendas crescem e sua aplicação é feita honestamente por políticos e administradores que almejam e respiram a cada instante o desejo de fazer crescer sua cidade é por obrigação que essa desenvolvera.

O investimento feito pela Câmara, segundo a imprensa, era bem aplicado de maneira a transformar a velha cidade de São Pedro na moderna Uberabinha que logo se encaminharia e gozaria de necessidades pertinentes como: abastecimento de água potável, iluminação e força elétrica e posteriormente os esgotos. O intuito maior era de atrair o comércio, facilitar as vias de comunicação, melhorar as estradas e construir as pontes.

Segundo o que nos conta TEIXEIRA (1970)¹⁷ foi em 1908 que ao estar presente na inauguração da Força e Luz de Uberaba, o comerciante Coronel José Teófilo Carneiro e outros, foi ele tomado a querer ver em sua cidade realizado o

¹⁷ TEIXEIRA, Tito. *Bandeirante e Pioneiros do Brasil Central*, Uberlândia, Gráfica Pavan, 2v, 1970. p. 324

mesmo empreendimento. Em 24 de dezembro de 1909 foi inaugurada a Força e Luz de Uberabinha, propriedade da firma Carneiro e Irmãos.

Já deixando de ser sonho principalmente para aqueles que outrora fora chamados de utópicos, foi com grande entusiasmo que a imprensa local vibrou diante dos primeiros testes em 05 e 06 de dezembro de 1909.

Dizia-se no jornal que a luz era boa e a instalação magnífica, inclusive muito superior à iluminação similar de outras cidades que gozavam o fato de serem até mais adiantadas que Uberabinha. Parabenizam pai e filhos Carneiro pela coragem de tal trabalho.

Como em diversos momentos a cidade é comparada com o passado, é nítida a idéia do novo e o velho, sempre se chocando utilizando um curto espaço de 2 e 3 anos para se voltar ao passado para que a comparação feita venha no firme propósito de se ver mais e mais avançar. O presente será o passado num breve espaço de tempo ficando para trás o velho, o antigo, o moroso. Ou seja, cada dia que passava fazia parte do passado. Passado este que deveria ficar cada vez mais longe o que importava era o futuro, o novo e o moderno.

Em 1907 foram feitas as mesmas comparações e o presente era o moderno deixando para trás o antigo, agora em 1909 o que outrora fora moderno já é um passado antigo. Nesses curtos espaços de tempo há transformações envolta na união, na vontade e patriotismo que se realiza para eles verdadeiros milagres.

Tornava-se agora, mais palpável a concretização de um futuro, a base em que assentaria o desenvolvimento das indústrias da lavoura, do comércio enfim dos elementos dos quais a urbe era dotada e merecedora.

Essa usina de energia representaria o pódio a galgar um grande destaque entre as cidades do Triângulo Mineiro e com isso a possibilidade de atração de capitais de fora.

Tendo já, através de Custódio Pereira, o teatro a cidade poderia receber uma equipe dramática impressionando os forasteiros; começavam desde já a pensar nas vantagens.

No início, em 1907 o Coronel Teófilo já havia dado a idéia de iluminar a cidade com gás acetileno, um gás incolor de cheiro desagradável o que, na época, foi aceita a idéia e colocada em prática pela câmara e aumentando o número de lampiões nas ruas dando à cidade um melhor aspecto.

A luta para que alguém assumisse tal feito foi constante. Inúmeras vezes foram citados artigos enaltecendo a beleza, a imensidão e as vantagens dos caudalosos rios.

Tanto fez, tanto cutucou que enfim aconteceu de alguém investir e acreditar que daria certo e seria vantajoso esse investimento.

Nota-se aqui que ao pedirem e tentarem fazer com que algum capitalista se empenhasse nesse desenvolvimento eles não faziam tal pedido à câmara, mas aos capitalistas, a gente de posse chamam aos capitalistas, chamam a iniciativa particular espíritos mais adiantados e até satirizam que fosse preciso vir os estrangeiros levar a matéria-prima e trazer manufaturados à preços fabulosos. Poupavam a Câmara das lamúrias talvez pelo fato de estarem a par das dificuldades da Câmara e mesmo da sua árdua tarefa de socorrer outras necessidades, eram os particulares os culpados da não realização de tais melhoramentos, a Câmara era muito pouco questionada. Cabia a municipalidade chamar concorrentes para a fornecimento da energia elétrica, mas não de executá-la.

Uma vez conquistada a tão sonhada energia elétrica o que se pedia à população era muito simples, apenas que no dia da inauguração o povo fizesse sua parte mandando recolher materiais que se encontravam nas ruas. Sejam eles tijolos, pedras, madeira, desmanchar andaimes.

Era preciso também se criar um clima de festa enfeitando as ruas com bandeiras, flâmulas, ramos verdes, folhas de bananeiras além de iluminá-los com lanternas nos dias 24 e 25 de dezembro, prazo em que aconteceria a festa.

Pudemos encontrar uma forma de manifestação de um espectador diante do inovado fato da iluminação. Através do depoimento do professor Vadico:¹⁸

“Me lembro quando inaugurou a luz. No primeiro dia que a luz ascendeu, nós, crianças, brincando debaixo de um poste ... e apareceram uma porção de besouros, bichinhos e coisas caídas no chão, lembro direitinho desse dia 24 de dezembro de 1909, foi na véspera de Natal”.

O povo reunido na praça da independência com entusiasmados vivas interrompia os oradores. Houve nesse dia após a inauguração um espetáculo de gala no “Theatro São Pedro” sendo exibidas fitas cinematográficas. Entendendo-se por gala o uso de trajes de solenidade e, não sendo discutido os critérios de participação, não sabemos aqui o veto ou não ao comparecimento da classe pobre da cidade.

¹⁸ Projeto Depoimentos Arquivo Público Municipal. Entrevistado Professor Osvaldo Vieira Gonçalves (Vadico)

Não podendo aqui se contar exclusivamente com o apoio do governo as iniciativas particulares eram veneradas por suas realizações em prol do andamento da urbe. Estampado com orgulho nas páginas dos jornais a concretização de mais um ideal e para aqueles que riram pensando que Uberabinha nunca haveria de possuir tais riquezas é apontada como um troféu.

Posteriormente continuaram sendo de iniciativa particular completando as suas custas manutenções como instalações de outras lâmpadas.

A cidade é boa, tranqüila apontam os jornais. Comparada a outras cidades vizinhas Uberabinha aparece como cidade pacata e ordeira cumpridora da lei. Não se ouve gritos, tiros fora de hora, nada que possa vir a prejudicar o sossego da população. O jogo foi extinto estando outras localidades com o jogo publicamente escancarado além de impune.

A autoridade uberabinhense sabendo cumprir o seu dever: o povo não dá trabalho à polícia. A polícia representa aqui a repressão: é ela quem contribuirá para se manter a ordem, obter disciplina. Dessa maneira tudo aquilo que representava bagunça, desordem deveria ser punido.

Concorrendo para a modernização e expandindo-se como vinha era preciso que cada coisa se encaixar-se em seus respectivos lugares. Era preciso que se conseguisse o fim do jogo que induz: vida fácil, ganho rápido, o roubo, vadiagem contrastariam com o progresso do município. Deveria ser eliminado qualquer coisa que significasse deturpação da ordem, algazarra, os jogos de azar, o mendigo era preciso que as leis fossem estabelecidas.

MACHADO (1990) define bem o papel da polícia nesse contexto modernizador:

“A polícia, instrumento nomeado pelo poder, tem o dever de exercer o controle do corpo social coibir os abusos, disciplinarizar para o trabalho, através de campanhas morais saneadoras, é o papel da polícia dos costumes cooperando para o progresso”¹⁹.

A polícia através dos jornais era alertada a advertir pichadores de obscenidades nos muros das casas manchando não apenas as paredes e sujando a cidade como também denegrindo o bom nome do município e de sua cultura. Nessa luta até mesmo o professor Honório Guimarães contribuiu, nas páginas de jornais, com artigos apelando não só para que a polícia mas os pais também se orientassem a respeito da criança. “(...) Uberabinha, mimosa em toda a sua organização social e natural, precisa limpar esta nódoa de seu facto bem talhado”²⁰. Esse professor, exigia disciplina para que a ordem fosse cumprida e tais pedidos eram cumpridos sendo que, tomadas as providências, volta-se no jornal para agradecimento do feito.

Utilizando da imprensa como veículo de moralização o professor Honório Guimarães retornava criticando a postura de quem ia ao cinema e batia palmas e assobiava para uma figura segundo ele, que se move à sombra de um pano era descortesia, não cabia às pessoas cultas e de boa educação. Parabeniza o dono da casa

¹⁹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: Assistência social institucionalizada – Uberlândia 1965 a 1980*, São Paulo, USP, tese de doutorado, 1990 p.62

²⁰ Jornal O progresso (s.d.) 1910 nº 138

de diversão Custódio Pereira por dar cabo as fitas ridículas de cenas imorais. Aqui fica nítida a idéia modernizadora de civilização que era preciso se manter para que nada fugisse ao controle.

Prezando o nome de cidade moralizada e ganhando com isso o registro da população a polícia andava à caça de rapazes que “desfilavam” pelas ruas com meretrizes fazendo com que os rapazes fossem para a casa ameaçando-os de colocá-los numa próxima vez na cadeia.

Mandando ser impresso no jornal *O Progresso* o delegado avisava ser proibido jogos de azar, vadiagens, uso de armas proibidas pelo código penal, tiros a qualquer hora do dia ou da noite no perímetro urbano, bailes não familiares e tudo o que viesse de encontro com a moralidade uberabinhense, contando com isso, puni-los nos rigores da lei.

A polícia em 1916 andava a procura de vagabundos colocando-os para trabalhar. Aproveitando dessa iniciativa o jornal *O Binóculo*²¹ dá a idéia de que se pegasse os pretos vadios, negros e mulatos que pediam dinheiro nas ruas ou emprestado. Queria vê-los na cadeia juntamente com os meninos que roubavam pão na janela. Recomendava a polícia que ficasse inimiga desse “pessoalzinho”. Dando conselhos e avisos a imprensa dava toques para que a polícia mantesse a ordem na cidade pois já era ela bem conhecida e progressista.

O delegado ia sendo elogiado pela população pois este andava a caça dos jogadores e das casa de jogos. Em relação ao jogo, diziam os jornais, nada ter a reclamar até um “cafageste” que vinha de Araguari foi obrigado a voltar pelo mesmo caminho. Dessa maneira diziam que a paz ia reinando naquela cidade prodigiosa.

²¹ Jornal O Binóculo 07-05-1916 nº 11

No que se referia a instrução era colocada de forma que se acentuava de maneira assombrosa. Não sendo a cidade um lugar de progresso só material mas de todos os lados. Assumindo lugar de destaque as quatro escolas estaduais eram dirigidas por pessoas competentes. As matrículas e as frequências estavam acima da média. No colégio São José, dirigido pelas irmãs franciscanas, as alunas além da sólida instrução receberam educação familiar habituando-as na vida social onde se tornariam dedicadas esposas e mães. Estava este colégio apto a competir com os melhores deste gênero.

A cidade estava se desenvolvendo, sendo que havia se apegado a instrução. Sendo ela a manifestação da cultura de um povo lembrava que as nações mais adiantadas eram aquelas cujas escolas ascendiam e a instrução se difundia no seio popular. Não só as escolas eram boas como também seus dirigentes. Na Escola administrada pelo professor Honório Guimarães era constante os elogios. Ao entrar na escola as visitas eram recebidas por continências. Sendo o professor o general desse estabelecimento não preparava seus alunos para a vida prática somente mas para a intelectualidade.

Em breve se teria mais uma escola tendo feito o pedido com a visita do presidente do Estado Júlio Bueno Brandão no dia 05 de maio de 1911, acreditando ser esse após sua construção um dos melhores do Estado. Segundo se afirma, a escola só prosperaria em relação à escolha dos diretores que era peça chave para o andamento de uma escola. Professores e diretores somados era o resultado brilhante para o desenvolvimento da Instituição. O investimento das letras era feito nos jovens e nas crianças desse período para que no futuro se tivesse verdadeiros homens investido em outros ramos aumentando consequentemente as riquezas do local.

A direção política e a municipalidade pensando na instrução, colocava à frente do ensino, competentes professores e diretores. Num contexto geral, a instrução seria a responsável para que não houvesse vícios, crimes, todo o mal que pudesse denegrir o desenvolvimento de um município sendo que na escola o professor já poderia conhecer a índole da criança corrigindo a tempo suas imperfeições.

Em síntese, segundo TEIXEIRA (1970)²², faremos um rápido apontamento das escolas que existiam em Uberabinha até 1915.

1835 : primeira escola primária instalada por Felisberto Alves Carrejo na fazenda da Tenda ;
1860 : primeira escola provincial do distrito de São Pedro de Uberabinha, município de Uberaba;
1892 : já com a elevação do distrito à categoria de município foram criadas e instaladas as primeiras cadeiras estaduais dos sexos masculinos e feminino;
1897 : inauguração do primeiro estabelecimento de instrução secundária – Colégio Uberabinhense;
1902 : fundado o Externato Carvalho de ensino primário;
1907 : instalado o Externato Carvalho de Brito de ensino médio;
1907 : fundação do Colégio Bandeirantes;
1908 : instalação do Colégio Mineiro;
1912 : ginásio de Uberabinha;
1913 : colégio São José;
1915 : instalado o Grupo Escola Júlio Bueno Brandão;
1915 : fundada a Escola Rui Barbosa.

²² TEIXEIRA, op. Cit. V.2 p. 95-96

As transações comerciais rendiam bons “contos de reis” com possibilidade de aumentar ano a ano. A cidade aparece como sendo comercial devido aos donos de casa comerciais que mantinham transações comerciais com a zona de Goiás.

O comércio era propício pois possuía tudo para sua elevação gradativamente. Possuindo um clima excelente, solo fértil, capitalistas e proprietários corajosos e aptos a expandir seus negócios financeiros; contando ainda com o apoio da câmara administrativa que competia para que cada vez mais a cidade pudesse ver aumentado seu número de comércio. Tudo isso somado reluzia constantemente nas páginas dos jornais na expectativa de que Uberabinha assumisse o mais rápido possível a categoria de uma das melhores do Triângulo. Ainda mais quando vista por pessoas de fora elogiando o desenvolvimento e o grande número de estabelecimento atacadistas e varejistas.

As indústrias pastoril e agrícola eram consideradas como desenvolvidas vantajosamente embora faltasse um banco hipotecário agrícola para assistir o lavrador, o criador e o comércio. Estando a cidade circundada por cidades prósperas a implantação desse banco aqui seria excelente por ser Uberabinha um ponto certo no qual se faria sucessivas transações.

Independente desse recurso a cidade era vista como a indústria Pastoril bem desenvolvida, exportando muitas rezes de gado. Embora sendo de forma primitiva a engorda de porcos e não como havia sido feito nos Estados Unidos, mas ainda assim evoluía. Transportando para São Paulo grande número de porcos vivos e com a venda de toucinho ia aumentando anualmente tais vendas.

Outra parte que se desenvolvia progressivamente era a de cereais e cana de açúcar. Dizia-se que as vistas feitas por pessoas de fora as lavouras de Uberabinha saiam admiradas com as fazendas e as plantações.

A demonstração de alguns arados na cidade e compra dos mesmos nas casas de comércio e ferragem mostrava a evolução incentivando constantemente os lavradores a adquirir tais mecanismos, a imprensa, a Câmara Municipal e proprietários de terras mais abastados faziam propaganda para que os lavradores adquirissem essas máquinas para modernizar o campo e aumentar a produtividade das lavouras. Vindos, do Rio de Janeiro, engenheiros representavam firmas e demonstravam a forma de utilização de tais objetos ficando por conta dos interessados de fazerem propaganda e divulgação dos instrumentos. A verdadeira riqueza pública estava na agricultura e sendo a cidade eminentemente agrícola era preciso que se modernizasse o campo.

Embora em 1912 eles elogiavam a mecanização da lavoura, contavam ainda com representantes do Estado como os deputados eleitos para que se conseguisse aprendizados agrícolas sendo que possuíam trabalhadores honrados que pagavam impostos e elegiam deputados além de votar em presidentes que faziam parte da “comunhão mineira”.

Como já dissemos a cidade eminentemente agrária contavam com apoio da câmara que promovia todo tipo de evolução do campo realizando concursos de produtividade, insentivando produtores e angariando recursos para modernização do campo. Tendo em vista a prosperidade do local a imprensa, contribuía na divulgação do que já estava sendo realizado no campo e enaltecendo as pessoas que

empenharam-se em testar os mecanismos e criar maneiras adequadas de aproveitamento do solo e consequentemente da produção.

Não deixando jamais de reafirmar que o enriquecimento se dava através da lavoura, jamais perdendo de vista que a agricultura poderia ser tratada com sucesso podendo portanto instalar indústrias de laticínios, fábricas de tecidos e fábricas de banha.

Sem segredo a ninguém a água é de vital importância para o ser humano, sem ela é impossível a sobrevivência dos seres vivos, com isso uma cidade se preza por sua água de qualidade. Uberabinha se apresenta como tendo excelente água potável.

Os rios das Velhas e rio Uberabinha se destacavam transluzindo nas páginas dos jornais em freqüentes ocasiões enaltecendo a cidade com suas riquezas naturais. O rio caudaloso e as cachoeiras altas era nitidamente a representação de futuros negócios e riqueza da cidade.

A administração pública desde o início desse século lutava para o abastecimento de águas potável e para rede de esgoto tão necessários à higiene e saúde pública já em via de realização. Isso vinha sendo noticiado nos jornais dia-a-dia.

Chamando concorrentes e oferecendo vantagens aos particulares para a construção do abastecimento de água. No entanto, o redator de *O Progresso* de 1908, acreditava que isso viria da própria Câmara mesmo que ela já se importava tão bem para conseguir tais recursos para a localidade, acreditando que a renda obtida por essa distribuição bastaria para o pagamento da dívida a ser feita. Esse serviço era considerado de suma importância para o progresso da cidade por fator de prosperidade se contava também com a higiene e salubridade pública.

Para que tal empreendimento fosse realizado contavam ainda que preciso, com necessários sacrifícios desde que se viesse conseguir a canalização e o saneamento básico, era preciso evoluir a Urbe.

Conforme ia se resolvendo o problema da canalização, mais acentuado ficava-se a idéia de modernização. O arraial de São Pedro contrapunha-se a Uberabinha, a culta cidade cujo rápido progresso se devia exclusivamente a atual administração da Câmara. Com isso reforça a idéia do velho e do novo. O velho arraial de São Pedro de Uberabinha ficava no passado assumindo seu lugar a moderna Uberabinha. À medida que iam se tornando realidade as necessidades básicas de infra-estrutura acentuava-se mais a idéia do progresso, do adiantamento em que Uberabinha caminhava.

Embora todos os elogios e as explicações necessárias para que o povo entendesse a necessidade do saneamento e canalização de água, todos os anos a história era a mesma de cada vez melhorar mais o abastecimento para causar melhor efeito diante da visão do forasteiro. Assim a imprensa divulgava:

*“(...) A administração Marquez nos deixou o abastecimento de água, nos levou dos antigos regos que cortavam a cidade e arrancou-a em pezo da garras do maldito empalludismo, pois que, só as águas antigas, déramos os casas constantes de febre que aqui victimou muita gente(...)”.*²³

²³ jornal O Progresso 09-11-1912 nº 264

Vindo de Belo Horizonte um engenheiro do governo do Estado fez estudo para a planta da rede de distribuição de água. Esse serviço já antes de concluído era considerado como perfeito e completo. O que seria administrado por um profissional competente. Após a conclusão desse trabalho já se planejava a construção de uma rede de esgotos tornando a cidade uma dos melhores do Triângulo voltando a cidade a gozar o nome de salubre.

Ia se constantemente receber e pedir ajuda do Estado contraindo dívidas. O redator do jornal apela dizendo que era pra de voltar suas vistas para esta cidade que sendo feito os melhoramentos necessários, aumentaria os impostos e com isso a arrecadação do Estado também.

É lícito lembrar que essas canalizações eram melhoradas de tempo em tempo. Nos jornais essas conquistas saiam do espaço do papel tomando corpo e se tornando realidade. Saindo dos planos arrojados dos projetos iam calando as pessoas que não acreditavam serem realizados.

Sempre que se queria determinado melhoramento; em cada folha de jornal era anunciado como uma repetição de “eu quero, eu quero” até que se concretizasse. A apelação era contínua, sem folga reforçando a necessidade e impulsionando seja através de fala, de pensamento, de vontade.

No período da epidemia da varicela em 1910, onde a doença se alastrava sem esperar pela ajuda do governo do Estado, a Câmara assume esse compromisso por sua conta. Não poupando sacrifícios para socorrer os menos favorecido oferecendo tratamento médico, alimentação e conforto aos doentes. Mantendo quatro postos de vacinação e adquirindo aparelhos apropriados, foram feitas as desinfecções nas casas por não se conseguir lugar adequado para isolamento dos doentes. A vacina era

gratuita e a doença se dava devido ao grande movimento de forasteiros, justifica os jornalistas.

A estética da cidade é de relevante atenção, os agentes executivos preocupados em abaular ruas e avenidas faziam constantes empréstimos para ser empregado nesses serviços. As demolições feitas ganhava aplausos por parte da imprensa, significando a higienização e embelezamento das ruas: para que fossem prolongadas era preciso, em certos momentos, fazer demolições constantemente. Ora elogiando, ora chamando atenção a imprensa mencionava os casarões velhos, as casas para que se prolongasse ruas, seria necessário derrubá-las. Os imóveis que outrora davam desagradáveis aspectos impressionando mal os visitantes, era com louvor aclamado pela imprensa ao serem demolidos. Era esse um passo gigantesco para evolução da cidade contribuindo para o embelezamento e higienização. Não havia cabimento a cidade crescer com taperas, casas horrendas assombrando a modernização. Necessariamente precisava-se que essas modificações fossem feitas para proporcionar aos habitantes e forasteiros comodidade, higiene e transmitir um agradável aspecto. A imprensa reclamava na morosidade de se por abaixo as taperas, os casarões enfim tudo aquilo que deixava um aspecto desagradável e impedia a sua modernização. Pedia para que a Câmara avaliasse melhor a data das construções para que fossem construídas no prazo certo sem que se ficasse pedindo prazo maior para o término das edificações.

Corriam varias ações de desapropriações para abertura de estradas e alargamento das ruas. Até a velha Igreja do Rosário entrou nessa. Dizendo merecer esse pequeno sacrificio a praça Rui Barbosa no centro da cidade deveria ficar livre daquele “espantalho”, ela impressionava mal aos visitantes.

Intrometendo ainda mais, os redatores pediam que no local onde já havia sido desapropriado não se deixasse construir outras casas. Sendo algumas casinhas construídas, a imprensa aconselhava a Câmara para que não deixasse isso acontecer mesmo a título de provisório pois futuramente quando a Câmara fosse pedir desapropriação não alegassem ter já pago impostos. A título de nenhum proveito tirar, a Câmara não deveria consentir essas construções.

As ruas apresentavam já abaulamentos, com passeios marginais facilitando o escoamento das águas pluviais. Substituindo as ruínas e atoladouros do passado, as ruas iam oferecendo novo aspecto às casas e à cidade.

Dando sinal de nova vida, todos os melhoramentos, as estradas eram ainda mais bem vindas, sendo estrada de automóveis contribuindo para transporte de passageiros e mercadorias diminuindo o atraso do progresso. Devendo já fazer a conservação das estradas que ligavam as vizinhas cidades, abrindo ainda outras para facilitar transporte de gêneros de produção.

Há muito se pediam uma ponte para que facilitasse o comércio e a chegada de compradores por esse meio. Foi com grande alarido recebido a inauguração da Ponte Afonso Pena em 1909 ligando Minas Gerais a Goiás.

Dessa forma o desenvolvimento da cidade de Uberabinha implicou no desenvolvimento de importantes áreas através de concessões que possibilitaram a infra-estrutura necessária para a construção da primeira usina hidrelétrica, 1909 bem como as primeiras estradas a partir de 1912 e a implantação do sistema de comunicação / telefonia, 1910 e, bem anterior a isso, a Cia Mogiana 1895, como já falamos anteriormente. Também contribuindo demasiadamente nesse contexto a Ponte Afonso Pena.

A cidade dotada de uma Agência de Correios com apenas dois funcionários necessitava de mais, pois os serviços postais aumentavam gradativamente. De acordo com SOUSA & LIMA (1998)²⁴ a Agência de Correios foi inaugurada em 1883 quando São Pedro de Uberabinha ainda não havia sido emancipada.

Bem se sabe que a política em São Pedro de Uberabinha sempre foi muito disputada. Segundo TEIXEIRA (1970)²⁵ é revelado uma história que aconteceu na cidade em 1910 quando aconteceria uma eleição para Presidente da República. Havia na cidade o Partido Republicano Municipal e o Partido Republicano Mineiro (PRM). Disputavam o cargo os candidatos Ruy Barbosa e Hermes Rodrigues da Fonsêca, partidos cognominados civilista e hermista. No calor da luta o Cel. Olímpio de Freitas Costa, chefe hermista chamou o Dr. João Severiano Rodrigues da Cunha (Joanico), civilista de “cocão” retribuindo Joanico chamou-lhe de “coió” denominando os partidos “Cocão” e “Coió”. Os Cocões dispunham de incontestáveis prestígios trazendo como bandeira o nome de Ruy Barbosa. “Águia de Haia”, os Coiós contavam com o amparo oficial Estadual do presidente do Estado, simpatizante ao candidato hermista.

Ao aproximar-se o momento da apuração tendo o Cel. Severiano Rodrigues eleitores descansando em seu chalet, foi mal interpretado pensando o tenente Egidio Rosa serem aquelas pessoas jagunços. O chalet foi alvo de acirrada artilharia. Diz ter sido um fuzuê onde cavalos e cavaleiros corriam desesperadamente perdendo chapéus e levantando poeira na estrada. O que restou dessa história foram muitos ressentimentos, divisão de famílias e refletindo de forma negativa, ainda que por pouco tempo nas atividades comerciais e construtivas da povoação.

²⁴ SOUSA & LIMA op. cit. p. 172

Nesse período venceu as eleições Hermes da Fonsêca assumindo o poder de 1910 a 1914 que, embora sendo apoiado pelas oligarquias estaduais e de grupos militares, teve seu governo tumultuado.

A imprensa noticiava constantemente seu apoio aos civilistas, uma vez que aclamavam o Cel. Severiano Rodrigues da Cunha. Dizia que o povo sendo amante da paz e da ordem votaria no candidato civilista. Uberabinha cidade nova e próspera vivendo até o momento independente de favores governamentais se colocaria ao lado do Partido da Águia de Haia. As discussões eram constantes e o chefe heremista Cel. José Theophilo Carneiro era criticado no jornal *O Progresso* de 1910 por querer fazer o povo votar a bala. De Belo Horizonte vinham cartas dos chefes de polícia pedindo imparcialidade no pleito eleitoral dando garantia a todos de votarem em liberdade.

Cel. Severiano era, pela imprensa glorificado, por não ter querido revanche do tiroteio que havia acontecido pois dessa forma a cidade estaria em “pé-de-guerra”. Embora tinha perdido para presidente da República nas eleições municipais era o Cel. Severiano quem ganhava as eleições sendo ele muito influente no Estado e a Imprensa apoiava sua chapa.

Juntando todos esses adjetivos e melhoramentos que através da imprensa local eram colocados podemos ainda agrupar em um só momento qual a representação da cidade num contexto geral. O que ela representava e em que nível ela estaria equiparada. O que percebemos é que no decorrer dos anos, já desde 1907 a cidade é colocada como já sendo ou faltando pouco para ser classificada como a melhor do Triângulo Mineiro.

²⁵ TEIXEIRA, op cit p. 458-459 V. 2

A princípio a narrativa feita vinha mostrando as qualidades naturais do espaço, como sendo de uma excelente topografia. Dos vegetais rasteiros às matas, os rios, o clima, a fertilidade do solo, a posição geográfica tudo somado mais o que se esperava de ramificações de cada setor, ou seja, as indústrias, o comércio, a agricultura iriam abrindo caminho para que a cidade em destaque sem razão de não o ser, ao desenvolver-se seria uma das melhores do Triângulo Mineiro. Com esses preceitos a cidade enciumava as suas vizinhas reservando-lhe o direito de num belíssimo futuro como praça comercial e industrial. Prosperando em seu caminhar nada lhe restaria a menos é claro se tornar destaque entre as demais cidades mineiras. Seu aspecto e seu comércio era o que primeiramente lhe garantia a posição em poucos anos de uma das melhores do Triângulo. Mesmo sem ter conseguido os melhoramentos desejados, a imprensa se apossava na idéia para vir desde seu primitivo aspecto natural para o elevar ao ponto em que chegou a cidade. No seu evoluir assumia essa cidade uma parceria com a civilização, andando ao lado dos centros mais populosos. A cada construção, a cada infra-estrutura adquirida e a cada projeto os redatores colocam a cidade nas altas pilastras do crescimento.

Mediante a construção de um coreto, o jornalista aponta a sua satisfação perante a divulgação dos melhoramentos para a cidade *"incontestavelmente fadada a ser a futura rainha do Triângulo"*. *"(...) podemos assegurar que o nosso coreto será um dos melhores da linha Mogiana, se não for o melhor depois de Ribeirão Preto"*²⁶.

Facilmente encontramos a cidade colocada no auge, avaliada já como a melhor. Com isso é tranqüilo ver estampadas nas falhas dos jornais frases do tipo

²⁶ Jornal O Progresso 09-08-1908 nº 47

“uma das mais florescentes”, “a primeira do Triângulo” “a par das mais adiantadas e confortáveis do Triângulo”, “lugar de destaque entre as cidades do Triângulo”, “há de ser colocada em plano igual ao das melhores do Estado”. Era São Pedro de Uberabinha a Atenas com seus filhos predestinados a arte futura, a primeira e o grande destaque. Tecendo elogios as riquezas naturais que bem aproveitadas enriqueceriam a cidade.

A urbe cresce nesse intuito de ser a melhor desde cedo. Ocupando lugar entre as demais do Triângulo e almejando sempre o pódio mais alto o município era colocado ainda que, não por realidade, pelo menos por um ideal dos articulistas dos meios de comunicação. Uberabinha crescia desde a implantação da Cia Mogiana e crescia pois não havia entre os outros distritos de Uberaba quem pudesse competir com São Pedro de Uberabinha que devido a Uberdade de seu solo caminhava a frente. Com os melhoramentos morais, intelectuais e materiais se elevava a contar como uma das melhores do Estado. O redator pedia ao governo que voltasse as vistas para esta cidade já que muito o que era feito aqui se devia a iniciativa privada tendo a cidade vida barata e comodidade, melhor seria que o governo lhe desse mais atenção.

O clima era um dos melhores da região por isso mais apropriado para o desenvolvimento de uma grande população. Tendo em sua ânsia vontade de passar à frente de Araguari e Uberaba. Num contexto geral a cidade evoluiu conforme a competência e influência da política oligárquica do município. Constantemente apontavam os jornais, que esse pedaço era esquecido pela iniciativa do governo estadual, caminhando com suas próprias pernas. Contando com uma política administrativa competente e honesta que tinha como principal objetivo ver

Uberabinha se modernizar, contando ainda com a iniciativa privada que foi de suma importância para sua evolução comercial, industrial, intelectual e moral.

Ao longo desse capítulo vimos que no período de 1904 a 1908 o intendente foi Severiano Rodrigues da Cunha, 1908-1912 Alexandre Marquez e 1912-1923 João Severiano Rodrigues da Cunha. Esses intendentes (designação aos chefes do poder executivo municipal no início desse século) o que chamamos hoje de prefeitos, foram nesse período ligados a um mesmo ciclo de amizade e parentesco. A luta pela política era acirrada mas tudo no intuito de fazer com que a cidade tomasse forma de urbe civilizada. Nesse contexto era tida como futura e próspera adjetivos que faziam com que ela parecesse melhor do que era. Acompanhando sempre a evolução Européia e Norte Americana comparavam e acreditavam poder ser assim. Como já mencionados anteriormente, na luta de se aproveitar os caudalosos rios dizem que os Estados Unidos não perderiam tal chance.

Convictos de poder expandir muito mais reforçaram a idéia de modernização. Buscando nas páginas dos jornais no que competia a propagação de ordem e progresso o que encontramos é uma cidade bonita, limpa, salubre, de agradável clima e solo fértil. Bem vista pelo forasteiro e fadada a ser uma das primeiras do Estado ou do Triângulo Mineiro. A idéia do forasteiro, pessoas que ^{visitam} viam de fora e que visitavam a cidade tinha muita importância, pois, além de ser sinal de apreciação pela cidade também divulgavam-na.

Logo cedo chegaram grandes evoluções, a Cia Mogiana, A ponte Afonso Pena, a energia elétrica, as estradas de rodagem tudo concorria para ascensão, somados ao povo laborioso, trabalhador e os políticos justos e ansiosos pelo progresso trabalhavam ativamente para que angariassem cada dia mais proveito para sua

administração e consequentemente retribuí-la com melhoramentos para a cidade. Buscavam constantemente ajuda do governo, os agentes executivos iam para São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro. Essas viagens nos remete a acreditar que essas visitas, em especial ao Rio de Janeiro, foram de grande influência no que se refere ao período da Belle Époque em que a cidade procurava se organizar e se estruturar numa vida diferente ligada ao frívolo, ao novo, a higienização, alargamento das ruas, as demolições que vinham no intuito de apagar o velho, o passado. A luz, a cor, a moda eram novidades. Pegando como exemplos máximos os modelos europeus. O Rio tentava se equiparar a Paris apagando da insalubre e suja cidade do Rio de Janeiro revestido-a com a novas roupagens ainda que contrastando com os costumes do povo carioca. Ainda assim esse ideal se alastrou sendo inclusive Minas Gerais grande palco de discussão política, uns dos Estados que muito se preocupou em apagar os vestígios deixados pela monarquia, daí a idéia e concretização de uma nova capital.

Não era sem motivos que São Pedro do Uberabinha tivesse tanta preocupação em higienizar, alargar ruas e fazer demolições além de afastar a pobreza do meio social associando a idéia de trabalho com progresso fulminando a vadiagem para que aqui fosse instalada a modernização.

CAPÍTULO II

SÃO PEDRO DO UBERABINHA, UMA CIDADE ESPETÁCULO: UM OLHAR POR ENTRE OS BASTIDORES.

Nosso corte cronológico focaliza, num contexto geral, a implantação do regime Republicano no que tenta ordenar, padrões e valores das pessoas ajustando-as conforme seus interesses. A República consolidou-se através da ideologia liberal, reforçando o poder das oligarquias. Nesse contexto pretendemos verificar a realidade de nossa cidade de Uberlândia no início do século. Esse período foi privilegiado devido as grandes modificações pelas quais passaram nossa sociedade. E nesse sentido o tema proposto se apresenta com maiores evidências coletadas através de pesquisas feitas nos jornais locais no período de 1907 a 1916.

Segundo CHALHOUB(1986)¹ para os detentores do poder a perspectiva do fim da escravidão colocava a questão de garantir a mão-de-obra. No entanto, isso seria possível somente se houvesse radicais mudanças no conceito de trabalho numa sociedade escravista. Seria preciso apoiar de uma forma positiva a idéia de trabalho juntamente com “ordem” e progresso para assim impressionar o país na concepção do “novo”, da “civilização” constituindo uma ordem social burguesa.

¹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque*, São Paulo, brasiliense, 1986. P.29

Para se ter uma melhor visão da cidade a qual nos referimos, traçaremos em rápidas linhas seu histórico. De forma bem sucinta podemos entender a partir do trabalho de SOUSA e LIMA(1998)² que foi a partir de 1846 que se conseguiu iniciar a formação de um núcleo urbano na cidade, erguendo nesse mesmo ano uma capela, acompanhada do nome de nossa Senhora do Carmo e São Sebastião possivelmente o nome dos Santos da devoção dos procuradores. A marcação legal do patrimônio de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro do Uberabinha, se deu em 1857. Mais tarde ficou apenas São Pedro do Uberabinha. O Pe. Dantas Barbosa, um dos membros da pró emancipação, enviou ao governo da Província um documento expondo as possibilidades econômicas que justificavam o pretendido. Segundo ainda as autoras, tais declarações permitiram a elevação do distrito a categoria de vila em 1888. Três anos depois o governador do Estado nomeou os membros do conselho de Intendências, aos quais coube a organização do colégio de administração pública e detenção e do prédio destinado para instalação da Intendência municipal. Em 1892 foi instalada a comarca de São Pedro de Uberabinha, tendo como juiz de Direito o Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa.

O processo de emancipação culminou com a instalação da primeira Câmara, o que se deu a 7 de março de 1892, tendo como presidente e Agente Executivo, Augusto César Ferreira e Sousa, Vice Presidente, Pe. Pio Dantas Barbosa e como Vereadores Gerais, Arlindo Teixeira, José Inácio Rodrigues, Manoel Alves dos Santos, Antônio Alves

² SOUSA & LIMA op. Cit. p.29-33

Pereira, José Joaquim Coelho, José Teófilo Carneiro, Honório Marra da Silva.(SOUSA & LIMA apud TEIXEIRA,1970).

Nesse capítulo procuramos evidenciar uma outra realidade da cidade de Uberabinha vista através de pequenas frestas deixadas pela imprensa local no intuito de se conseguir melhoramentos mais rápidos e apelativos para o cumprimento de seus objetivos e reivindicações. Focalizando esta deixa podemos construir outras versões dos temas por tantas vezes debatidos pelo jornais, da modernização da cidade, tantas hipóteses acerca de certos assuntos apontados pelo órgão de divulgação, bem como equiparar argumentações que vem contradizendo o que eles mesmos colocam a respeito da urbes. Além do mais, podemos ainda argumentar e justificar algumas atitudes tomadas nesse período por parte dos meios de comunicação local.

Através das reclamações e contestações dos jornais locais podemos ver uma cidade cheia de problemas como qualquer outra que venha surgir de um pequeno povoado.

A idéia é exatamente mostrar como podemos através de uma mesma fonte perceber discrepância nas versões apontadas. Evidentemente nos jornais locais, no intuito de divulgar a prosperidade da cidade, encontraremos artigos que a colocam num patamar de sublimação muito mais do que de desagravos. No entanto, se levarmos em consideração tudo o que se encontra nesses documentos a respeito de Uberabinha, acabaremos por imaginar uma cidade que não condizia com sua realidade.

Como analisamos no primeiro capítulo a cidade foi em todos os termos colocada em posição privilegiada de destaque. Concorrendo inclusive para se tornar uma das

primeiras do Triângulo, buscando em suas comparações os exemplos internacionais que seja a Europa ou a América do Norte.

Sabendo da forte campanha em prol do progresso encampada pela imprensa local e tendo-a como aliada, a política oligárquica conseguiu vários recursos para a cidade. No entanto, um pouco menos noticiado as problemáticas em relação a cidade no que se refere ao saneamento básico, policiamento, construções necessárias e outros eram comentados muito mais no intuito de conquistar mudanças do que para denunciar a precariedade na qual se encontrava a cidade. Sem falar nas condições sociais e a paupérie em que possivelmente viviam os habitantes menos abastados. A ausência e a não conservação dos jornais de oposição que pudessem denunciar estas condições e que não estivessem ligados aos políticos, fazem muita falta. Pois através deles poderíamos, com muito mais precisão, perceber o problema existente na cidade e clarear as insatisfações dessa população. A menos é claro, que se pense que esse povo vivia pacatamente como se queria o poder vigente sem lamúrias acatando ordens e vivendo das sobras que lhes deixassem.

Há várias formas de manifestação seja através da dança, pois de acordo com CARVALHO (1987)³ não existia no Rio de Janeiro o cidadão ativo, consciente de seus direitos e deveres, capaz de agir em defesa de seus interesses mas se encontrava na cidade organizações e festas de natureza não política, desacatando desobedecendo uma ordem. Se o povo de Uberabinha fosse tão pacato como se queria que fosse não seria necessário a polícia, o código de postura, as denúncias para a mendicância. Era cômodo

³ CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987, p.141

dizer que o povo era pacato e laborioso como cartão postal conta pontos a amabilidade de seus moradores. Divulgar tais objetivos é concorrer para a propaganda da cidade civilizada. Além do mais, como vimos no capítulo I, a imagem que a cidade oferece ao forasteiro é de grande contribuição para a concretização do progresso.

Começando as insatisfações que se dizem vir do povo, bem podemos analisar que os redatores e proprietários de jornais em especial *O Progresso* que, inclusive, é um dos periódicos de maior tiragem e continuidade nesse nosso trabalho. Ele servia aos interesses políticos do momento com laços de amizade, ele, proprietário faz propaganda a todo instante aos dirigentes da Câmara. Logo se presumo que nada seria feito para prejudicar o bom nome da Câmara.

As reivindicações feitas eram geralmente dirigidas ao governo do Estado que não dava as devidas atenções que esse município merecia. O povo que pagava impostos deveria ser atendido em suas reclamações. As multas eram ferrenhas, e tudo era cobrado, tanto dos proprietários de comércio fixos como de ambulantes, pagando conforme a lei. Até mesmo os proprietários de *trollys* ou qualquer veículo não importando qual seja a força de movimentação do veículo era convocado a comparecer à Câmara para registrá-los. A imprensa chamava os contribuintes para pagarem os impostos atrasados. Antes de se chegar ao cerne da questão era feito um discurso mostrando o desempenho da Câmara em cumprir seus compromissos. Logo depois mostrava as carências da cidade em ruas, águas, esgoto e só então pedia ao povo que quitasse seus impostos “*quereis gosar de commodidades, relativas ao vosso sacrificio, ao vosso esforço? Pois*

bem, cumpri o vosso dever”⁴. O que se pretendia aqui, além de mostrar a importância do pagamento dos impostos que vinha no intuito de melhorar o local, era também mostrar que os administradores públicos empregavam corretamente o capital arrecadado e que era preciso que os contribuintes andassem em dia com seus pagamentos.

Os impostos estavam a solta mantendo tudo quanto possível nas ordens desejadas, para esse fim se cobrava imposto de tudo desde manter casas em alinhamento até extinguir formigueiros.⁵ E por falar em formigas as reclamações contra esses danados bichinhos eram constantes pois ao passo que a Câmara, através do código de posturas, exigia que os quintais fossem limpos e os formigueiros extintos, através dos jornais também se pedia que os fiscais fizessem cumprir as leis fazendo com que os proprietários dessem fim aos formigueiros. Pois se uns cumpriam a lei, outros demoravam mais a cumpri-la. Sugeriam desse modo que a Câmara combatesse os formigueiros mandando a conta aos donos das “*pestinhas*” que com preguiça abandonavam seus quintais as saúvas. As formigas destruíam os quintais, as plantações e as construções. Daí as exigências para que a Câmara fosse mais enérgica.

As queixas dos redatores era que a cidade não era embelezada com ricos palacetes de mais de um andar em função das pragas de formigas que colocavam a baixo as construções pedindo que a Câmara tomasse conta das ruas, extinguindo formigas e fazendo com que os proprietários das casas fossem mais cuidadosos com seus quintais. Aqui podemos ver como que o progresso e a florescente cidade se esbarram em pequenos problemas. Muito comentado e estando até mesmo no código de postura era

⁴ Jornal O Progresso 19-01-1908 n° 7

⁵ Para que se tenha uma melhor compreensão desse assunto recomendamos ler os Estatutos e Leis da Câmara de São Pedro de Uberabinha de 1903.

preciso que fosse vigiado o combate a esses insetos e que as leis fossem cumpridas no sentido de consequentemente contribuir pela riqueza da urbe. A beleza parecia ameaçada por causa de insetos tão pequenos: aqui parece ser mais fácil construir um prédio de dois andares do que combater as formiga, pois, se estes não existiam eram em decorrência das formigas.

O caso parece virar piada, num momento em que dar combate vira moda, satiriza o redator de *O Binóculo*, onde os homens esclarecidos combatiam o analfabetismo, a polícia combatia o jogo e a vadiagem, a Câmara combatia as formigas. Seria preciso uma guerra permanente contra esses bichinhos. Segundo o redator, esses formigueiros, justificados por um informante, teria sido uma praga. *"(...) que eles existiam por praga de um padre ou beato, o qual, magoado com o lugar, condenara a cidade, a virar formigueiro. . ."*⁶. Ainda dizem que o único lugar que não havia tais pestes era na chácara do Padre Pio. Contestando a afirmação recebida, o redator fala não haver praga e sim imprudência da Câmara de ter se lembrado de tal medida tardiamente. Era preciso que a Câmara agilizasse tais medidas e que não fechasse os olhos para esses problemas. É lícito lembrar que os jornais, *O Paranahyba*, *O Commercio* e *O Binóculo* são os órgãos que mais se aproxima em fazer críticas à Câmara e aos problemas existentes na cidade, no entanto, são poucos os seus números o que prevalece os artigos de *O Progresso* como sendo as fontes mais trabalhadas e devido ao seu longo período de existência (1907 a 1914).

⁶ Jornal O Binóculo 09-04-1916 nº 7

Embora o problema fosse sério, determinada pessoa utilizando-se do pseudônimo de “*F. cabeçada*”⁷, faz uma apologia às formigas dizendo que bichos piores e maiores andavam as soltas tanto no jogo do bicho como nos tabuleiros vendidos como doces prejudicando a saúde e o estômago das pessoas. O que se pretendia era mostrar que ainda que as formigas causassem tantos tormentos, haviam na cidade, problemas maiores e que estavam sem resolver.

A bicharada em geral dava o que falar na “*Princezinha do Triângulo*”. Os donos de cachorros precisam registrá-los na Câmara e colocar coleiras pagando, evidentemente, pela licença. Com a justificativa de que era feito em todos os países civilizados, os fiscais andavam a caça de cachorros sem coleiras. Para os cães encontrados vadiando nas vias públicas e sem coleira era utilizado a “*bola*”, envenenamento de carne. Inclusive esse pedido era feito pelos moradores quando havia excesso de cães, vagando e perturbando o sossego das pessoas, principalmente a noite. SOUSA & LIMA(1998)⁸ disse que “em 1898 os vereadores discutiam o que fazer com 5 bolas envenenadas das 100 entregue ao fiscal para que as lançasse às ruas afim de serem digeridas pelos cães”. No entanto houve um tempo em que os fiscais começaram a dar tiros nos cachorros nas portas dos quintais, invadindo propriedades e matando os cachorros sem contudo respeitar os donos, causando indignações e alarmando a população em plena luz do dia. Injuriado um morador vai ao jornal dirigindo seu repúdio ao Sr. Intendente.

O Agente Executivo comumente mandava editais através dos jornais. Num desses proibia-se que se criasse ou conservasse gados de qualquer espécie no perímetro

⁷ Jornal O Binóculo 16-04-1916 nº 8

⁸ SOUSA & LIMA op. Cit. p.60

urbano dando um prazo de 30 dias para a retirada desses animais. Tais animais pastavam nas praças públicas e até no cemitério.

Segundo SOUSA & LIMA(1998)⁹ havia pessoas que reclamavam da presença de animais soltos nas ruas, pois causavam desconforto e os carneiros e cabritos mais bravos investiam na população além de destruir plantações.

As leis também eram contestadas sem contudo sabermos se eram ou não modificadas após as reclamações. Por exemplo a lei nº 101 permitia a venda de carne nas ruas, o que outrora não era permitido, desde que não fosse transportada em gamelas e sim em carrinhos envernizados e asseados. O redator não via vantagem alguma pois o incômodo maior era o contato das mãos dos compradores com o alimento.

São feitas uma série de reclamações acusando umas leis e defendendo outras. Entre elas o preço da carne verde, ou seja sem sal e fresca, que além de mal inspecionada era cara. As vacas além de magras, com frieiras e bernes eram vendidas a altos preços lesando o consumidor. Em outras praças distintas como Rio de Janeiro e São Paulo a carne além de mais barata era muito melhor.

O leite também recebia suas reclamações pois sendo um alimento necessário às crianças e doentes deveria ser fiscalizado. Os Agentes Executivos empenhados em dar aos habitantes, conforto e comodidade deveriam pensar nessa fiscalização. Ficar am sabendo que algumas pessoas que vendiam esse produto acrescentavam a ele uma porção de água.

⁹ idem, p.59

Temendo os altos impostos como já dissemos, e estes apareciam em todas as instâncias, e como o povo não era tão pacato como se dizia havia reclamações de que não só na cidade como no país inteiro o povo temendo novos impostos e o sorteio militar não oferecia dados corretos para as estatísticas.

Fica evidente aqui que o povo altaneiro e pacato da cidade de Uberabinha espertamente mentia, ou por assim dizer, ocultava os números corretos dos membros da família. É lícito lembrar que posterior as estatísticas de 1908 haviam alistado, apesar de a população ser de 15.000 habitantes e os dados estatísticos não estarem de todo correto, 2.000 cidadãos. Dessa forma eram agraciados como sendo cívicos e de adiantada moral. Além do mais acreditavam que uma das formas de se defender das guerras era estar preparado para ela. Importa saber aqui que havia boicotes para que fossem defendidos das altas taxas de impostos e para que não fossem apontados para o alistamento sem vontade própria.

Embora por falta de maiores detalhes nesses jornais a questão apresentada fica sem minuciosos detalhes sobre como eram feitos os alistamentos, se eram alistados pobres e negros, se era aberta a toda a classe masculina na idade desejada e se somente através das estatísticas é que ficavam sabendo o número da população.

Segundo o que podemos observar era que não só o número de habitantes ficava escuso como também o número correto das produções temendo novos impostos. As queixas eram muitas, ao se tentar justificar o uso dos impostos pela Câmara utilizando as rendas em melhoramentos. Nessas defesas que a imprensa escrita tenta fazer ao Agente Executivo e demais assessores, podemos ver nas entrelinhas que a arrecadação era feita energicamente. Levando em conta o código de postura que não é de todo nosso objeto de

estudo, podemos observar que ou a Câmara lucrava bastante ou o povo andava na linha ou dava muitos calote. Podemos compreender que as exigências eram muitas e as reclamações da população que não poderia ir aos jornais contestar eram evidentes quando em prol da Câmara a redação do jornal dizia que o povo se queixava inconscientemente. Que temendo mais impostos ocultavam informações e que mais do que as reclamações a Câmara empregava bem as rendas.

Nesse momento podemos observar que os melhoramentos conquistados pela Câmara municipal era em decorrência dos impostos. E que se a cidade conquistou algum melhoramento é, graças em parte ao povo, que sofreu pagando os impostos e que permaneceu no anonimato deixando as glórias somente aos Agentes Executivos que embora as influências políticas conquistavam esses recursos utilizando o dinheiro dos contribuintes, recebendo elogios da imprensa pelo seu “*brilhantismo*” em estatuir as leis.

O povo era forçado a pagar impostos e com tantas normas, regras e leis foi-se moldando as duras penas a cidade do progresso. Como se bastasse através de leis obrigar a população a mudar o aspecto da cidade, se esqueciam porém que não seria através de leis que se mudaria a consciência de um povo contradizendo com seu modo de vida.

A Gazeta de Uberaba fazendo uma crítica à Câmara municipal em perseguir o povo com pesados impostos e acusando as administrações de vexatórios impostos de opressão ao povo com tais cobranças é evidenciado quando o jornal *O Progresso* de

1910¹⁰, sai em defesa dos políticos e administradores locais. O próprio jornal¹¹ se contradiz anos depois quando em defesa novamente da Câmara diz que os agentes executivos abaixaram os impostos de forma a tornar a vida mais confortável e menos sobrecarregada de ônus, ou seja, estes impostos existiam e sufocavam seus contribuintes.

Pelo que bem conhecemos em época de política, os políticos dizem ao povo o que eles querem ouvir, o que é mais emergente, o que eles precisam mais; tudo isso é colocado como forma de conquistar simpatias. Desse modo, numa dessas campanhas, a chapa oposta da chapa de Rodrigues da Cunha promete abolir os impostos, evidenciando uma atitude esperada pelos habitantes.

A todo momento colocam, os redatores como que aqueles que não querem pagar impostos ou que reclamam não estão tendo consciência da necessidade dos mesmos e não estão construindo para o progresso. Os redatores só reclamam dos impostos quando se dirigem ao governo de Estado pedindo mais ajuda pois a cidade tem pagado muitos impostos e que por isso só são lembrados no período de recebimento.

De uma forma geral seria interessante voltar nossa imaginação para uma Uberlândia do passado, e imaginar animais soltos nas ruas como vacas pastando nas praças ou dando uma volta em vias públicas. Ver pessoas correndo de uma chifrada de um cabrito ou, pior ainda, encontrar aqueles cachorros após terem feito uma refeição de carne envenenada, porém tudo não parece combinar com as exigências feitas pelos Agentes Executivos de se ter uma cidade civilizada que contrariam os modos de vida e o costume de toda uma população. Diante de tantas imposições e proibições do código de

¹⁰ Jornal O Progresso 13-08-1910 nº 148

¹¹ Jornal O Progresso 24-02-1912 nº 227

postura que os cidadãos estavam sujeitos, nos leva a acreditar que essa população não estava em total conformidade com o contexto modernizador.

Problemas tão simples como a criação e consumo de carne nesse momento ainda era problemática pois como já dissemos os animais eram criados às soltas. Foi noticiado um caso de envenenamento por carne de porco por uma família segundo a versão do jornal *O Progresso* 1907.¹² O envenenamento se dava por falta de cuidados com a matança dos animais que se faziam em casa para não se ter que pagar impostos, além de esses animais serem criados soltos nas ruas e nas praças. Com a gravidade do problema podemos observar que para uma família quase inteira ficar doente por conta de carne salvando-se apenas quem não fez uso do alimento, revela a precariedade da cidade em fiscalizar esse comércio.

As leis feitas para que os contratantes fizessem um matadouro eram por demais injustas, diziam os jornais, pois deveriam ser feito nos moldes das construções das grandes capitais. Além da lei exigir as melhorias adequadas ainda pedia que a carne fosse vendida a preços de tabela contribuindo ainda com os cofres municipais e ainda assim contratar um fiscal de higiene que é nomeado pela câmara mas pago pelo contratante. No final de tudo isso conclui-se que provavelmente ninguém gostaria de montar um matadouro pois seriam grandes as despesas e poucos os lucros. A Sugestão ficava para que a Câmara investisse no matadouro público existente até que alguém se oferecesse a criar outro estabelecimento.

¹² Jornal O Progresso 03-11-1907 nº 7

Estava entre as propostas da câmara início do mandato de 1912 construir matadouros e mercados públicos não permitindo monopólios. O Matadouro existente rendia bons lucros a municipalidade mas estava num estado precário precisando de urgentes reformas desde os currais e chiqueiros até a casa que era simples e sem higiene.

De acordo com o jornal *O Progresso*, 1912¹³ após a sua posse, o presidente da Câmara Dr. Rodrigues da Cunha dizia estar precisando de uma reforma geral estando as cercas em estado de ruínas, formando muito barro no período de chuvas devido a falta de calçamento e os chiqueiros exalam um cheiro horrível faltando higiene. Seria preciso até mesmo uma outra forma de abater o gado causando-lhes menos sofrimento. Rodrigues da Cunha confessava ser necessário os melhoramentos, mas que não seria possível a construção do matadouro modelo. Podemos inferir o estado deplorável que deveria estar o local onde eram vendidas e preparadas as carnes, aquela mesma que envenenou uma família, pois se até mesmo a câmara que criava leis para as construções de matadouros modelos não conseguem manter a higiene, imagine os outros locais que não possuam essa mesma preocupação.

No que concerne a zona rural os problemas também não eram poucos, a falta de mecanismos adequados acabavam-se por fazer com que demorassem muito absorvendo a maior parte dos lucros do produtor. As culturas de cana feita não davam provas do que poderia ser cultivado com a fertilidade do solo.

¹³ idem, 08-06-1912 nº 242

A imprensa apressava os cofres políticos e os capitalistas a promoverem o adiantamento agrícola nem que fosse necessário sacrifícios além de indústrias para se trazer vida nova sem necessitar de outras localidades.

Quem deveria se interessar por isso seriam mesmo os fazendeiros, proprietários e capitalistas pois os forasteiros, não se adaptando ao lugar, poderiam facilmente ir para outro lugar.

O principal problema da lavoura era a falta de mecanismo. Dai podemos perceber que ainda que muito fosse dito do bom andamento das lavouras as barreiras existentes não eram de fácil resolução. O processo de mecanização era introjetado de tal maneira que parece não depender somente de boa vontade, pelo tanto que se divulgava a necessidade e por já se encontrar na cidade essas máquinas percebe-se que o não acompanhamento deveria-se também à falta de dinheiro para consumi-los.

Era preciso que se criasse indústrias pois o comércio onde se era feito trocas recebendo gêneros e devolvendo mercadorias estava escasso percebendo também o comércio de gado que se desviava para outras localidades em decorrência de melhores vantagens. Estava faltando pessoas que quisessem investir. Pediam também um mercado pois além de dar novos recursos a municipalidade fazendo com que aumentasse sua receita não estaria exigindo da população outros sacrifícios. Seria também de grande ajuda para os menos abastados que assim teriam um contato direto com o produto sem o intermediário que explorava.

Nas pesquisas de SOUSA & LIMA(1998)¹⁴ dizem que ao contrário do que supunha o senso comum, o processo de “modernização” da cidade e a sua inserção econômica no mercado regional começaram a consolidar-se na segunda década do nosso século. Até então, Uberabinha era uma cidade do interior como tantas outras pequena, carente de infra estrutura, com um comércio pouco volumoso, movimentado sobre tudo, pela demanda interna.

Todas essas campanhas em prol da modernização acabam deixando transparecer que melhorar, ruas, calçadas, comércio e outros é para que a cidade saísse do ostracismo em que se encontrava como já dissemos, no primeiro capítulo foi muito necessário a construção das pontes em especial a Afonso Pena para que o comércio e a indústria progredisse ao lado da via férrea e das comunicações, mas para que elas acontecessem foi preciso de se ter sempre em primeiro plano a modernização do espaço. Desde muito cedo se colocava a necessidade de pontes entre outras tantas necessidades.

Entre as pontes necessárias destaca-se nas pesquisas feitas, a da construção no Rio Tijuco para que se facilitasse o trânsito entre Uberabinha e o Prata trazendo assim o comércio de lá para cá. Com a falta dessa ponte o comércio saia prejudicado pois essa praça procurava recursos em outras localidades que não aqui. Ainda que tal medida devesse ser reclamada para o governo sabendo do muito pouco que ele fazia para o triângulo preferiam apelar para o poder público local.

A ponte sobre o rio Uberabinha foi foco de muitas queixas ao se entender que era de responsabilidade da Câmara, no entanto essa era uma via de responsabilidades do

¹⁴ SOUSA & LIMA, op. cit. p. 116

Estado. Eram grandes as reclamações dos carreiros que corriam perigo devido ao péssimo estado da ponte.

Constantemente se reclamava do governo do Estado que beneficiava várias regiões deixando de lado essas bandas. Aqui ficava uma boa parte sobre planos e orçamentos enquanto que a execução deles levava muito tempo até serem concretizados.

Essa ponte sobre o Rio Uberabinha era fonte de constantes reclamações pois era feito o comércio por ela das cidades do Prata, Monte Alegre ficando ainda na estrada de onde se fazia transações do Sul de Goiás: dá para se imaginar o desespero para que a ponte fosse logo concertada. Esta construção além da péssima impressão e os perigos que ela oferecia, ainda tinha as reclamações dos transportes de mercadorias que associavam a culpa à Câmara e não ao Estado como já dissemos. Pediam também uma ponte sobre o Rio das Velhas no intuito de se comunicar com Estrela do Sul, Monte Carmelo e outras fazendo transações comerciais. Fica evidente como que eram sérios os problemas com as pontes pois elas muito contribuíam para o desenvolvimento do comércio e nesse sentido a cidade deixava muito a desejar.

Um dos grandes problemas que deveriam ser encarados para que a modernização fosse estampada a olhos vistos, eram as ruas.

Numa cidade em que se queria criar um imaginário de beleza e grandiosidade como pudemos ver no primeiro capítulo, é de suma importância que as ruas tivessem aspectos mais apresentáveis. Fica difícil imaginar uma cidade luxuosa como sendo uma das primeiras do Triângulo e ainda com suas ruas de terra, não pesando aqui apenas a estética mas também a comodidade, a limpeza, a higiene e conseqüentemente o problema da saúde. Além da sujeira incrível que uma rua de terra apresenta, seja nos dias

de calor que o pó esvoaça por todos os cantos deixando sujeira e prejudicando a saúde, seja nos dias de chuva, que abaixa o pó e vem a lama junto com uma sensação horrível de sujeira, também atolavam-se carros e ficava difícil a passagem de pessoas nessas vias sendo impossível o trânsito. Era evidente a necessidade de se ter mais limpeza nas ruas, calçamentos e abaulamento para se escorrer as águas das chuvas.

No jornal *O Progresso*¹⁵ com intuito de se alongar a Rua Uberaba uma das melhores da cidade, os moradores gostariam que a Câmara se interessasse mais por essa reivindicação, que segundo se dizia era de concessão dos habitantes dessa rua que fosse feito esse melhoramento. Esse melhoramento daria à cidade mais beleza como aconteceu na Capital da União, com a Avenida Central. Com a intenção de se defender a Câmara dizendo que ela vinha fazendo de tudo para a comodidade do povo, pede que a população aguarde e que alguns interesses se chocavam, por isso as reclamações, as queixas, os clamores.

Aqui podemos perceber mais uma vez que haviam insatisfações entre o povo “pacato” da cidade e que também denuncia o redator, que cidades com muito menos razão já possuíam várias regalias e que Uberabinha tendo muito mais vantagens como a via férrea e sua posição geográfica, estava com tudo por fazer. Daí dizer: (...) *Não temos ruas, falta-nos água e esgotos. Carecemos de estradas e pontes(...)*¹⁶

Faltava muito, faltava um prédio para Câmara que funcionava no Prédio do Estado, faltava o Forum e várias outras coisas. Mas ainda assim pediam que o povo

¹⁵ Jornal O Progresso 17-11-1907 nº 09

¹⁶ idem. 19-01-1908 nº 18

contribuisse com os impostos pagando-os em dia, ou seja, a culpa recaia muito mais na população do que propriamente na Câmara.

Embora os problemas fossem muito, menos comentados do que a cidade já possuía, tentamos evidenciar de acordo com que nos é colocado, a precariedade em que vivia Uberabinha. Os jornais em rápidos momentos pediam mais atenção para algum setor e entre eles, era necessário alguns cuidados básicos. Os redatores pediam mais beleza nas ruas e nas praças. Que as ruas fossem ao menos abauladas, sargeteadas e com passeios uma vez que não seria possível o calçamento. Seria preciso ainda arborizar praças e avenidas principais pois o que se tinha contradizia com a pretensão de urbe civilizada. Dava-se aos visitantes péssimo aspecto. Preocupados, sobretudo com a aparência, pedia-se que obrigasse proprietários a trocar seus muros pois estavam horríveis. Ainda em relação as ruas diz o redator: “(...) *é mister arredar dellas (...), esses feíssimos travessões que só servem para quebrar carros e obrigar, muitas vezes ao transeunte nocturno, a esfolar as canellas*”¹⁷. As ruas já teriam sido piores do que nesse momento porque eram cheias de buracos possibilitando a um transeunte mais distraído de se machucar seriamente.

¹⁷ ibidem, 26-01-1908 nº 19

No jornal *O Progresso* de 1910 o cronista diz ter ouvido um diálogo entre um cocheiro e um cliente que este ultimo sentido-se mal pedia rapidez na viagem no entanto o cocheiro impossibilitado, de percorrer o transcurso com mais rapidez sem dar voltas, devido aos impencilhos das ruas, uma com sacos que tapavam as ruas, a outra com carros de bois impedindo a passagem, logo mais havia um carro de lenha e outras ruas haviam sido abertas para a canalização dos regos de água. Isso decorre até que impaciente o cliente desce da carroça e segue a pé ainda disse o cronista: “(...) *há mesmo ocasiões em certas ruas de Uberabinha nem mesmo a pé se pode passar*”¹⁸. O jornalista completa ainda que há pedras, barros e até bois com chifres pontegudos de se fazer estremecer de vê-los enchendo as ruas.

Até 1914 as reclamações eram feitas das ruas que o cascalho tardava a chegar fazendo mal aos pulmões e estragando os móveis. As ruas chegavam a ser comparadas aos famintos do norte, esfarrapada, mendinga, suja e entulhada. Assim era o aspecto das ruas de 1907 a 1916 vem se pedindo melhoramentos hora para uma hora para outra. É possível dizer que o progresso da cidade caminhava a passos largos, só que ia bem à frente deixando de levar consigo uma parte de Uberabinha.

Careciam de estradas também, era preciso que se construísse ou melhorasse essa importante via de transporte e destruir os empecilhos que atrapalhava o livre trânsito. Sempre que se pedia melhorias das estradas encaixa-se nesse assunto que era num todo o conjunto necessário para que além de melhorar o comércio, divulgar a cidade, torna-la

¹⁸ idem, ibidem, 29-10-1910 nº 159

mais conhecida e mais ainda de se fazer com que a população tomasse conhecimento dos acontecimentos ocorridos não só no Brasil como no mundo.

Em relação a água ainda que a cidade possuísse águas cristalinas e fosse circundada pelos Rios das Velhas e Uberabinha, há possibilidades de se dizer que em certos períodos ela foi uma das fontes de reclamação. Nos períodos chuvosos do início do século a água era limpa em sua nascente, até que chegasse ao seus consumidores ela se tornava um sério problema. Com as águas das chuvas o rego d'água recebia corpos estranhos. Havia nesse momento uma epidemia de molestias gastro- intestinais de acordo com *O Progresso* 1914¹⁹, vitimando muitas crianças

O jornalista pedia que a câmara olhasse melhor esses pontos pois essa doença contaminava toda a cidade e a muito tempo se pedia o abastecimento da água potável. Mas a Câmara esperava aparecer concorrentes para fazer esse serviço oferecendo inclusive vantagens mas segundo o redator isso era inviável pois a cidade não sendo conhecida nos grandes centros industriais melhor seria que a câmara não o fizesse, utilizando posteriormente das rendas de distribuição das penas de água para pagamento da dívida.

Fazendo um apanhado geral do trabalho de SOUSA & LIMA(1998)²⁰ para utilização da água havia mecanismos de distribuição e conservação da água. Dessa forma proibia-se desde a não criação de porcos nessas localidades até não lavar roupas podendo com o não cumprimento das leis pagar multas. Os anéis de água eram concedidos pela Câmara e como eram ainda muito precários os mecanismos tecnológicos da pra se tirar uma base da precariedade do serviço.

¹⁹ Jornal O Progresso 19-04-1908 nº 31

²⁰ SOUSA & LIMA op. Cit. pp.46-54

Segundo ainda essas autoras, além do rego d'água correr a céu aberto a falta de esgotos era outro fator que agravava as dificuldades vividas pela população. A falta do mesmo além do desconforto ainda assim causava doenças. Houve um certo vereador sabendo da falta de recursos e da necessidade de se tratar e encanar a água propunha que a Câmara se desobrigasse de tais cuidados embora tal projeto não tivesse sido aprovado evidencia-se a precariedade tanto vivida pela população como do poder político. Conforme nos aponta as autoras a partir de novembro de 1910 é que será inaugurada a primeira rede de abastecimento de água e o de esgotos somente no final da década de 20.

Em 1911 no jornal *O Progresso*²¹ num diálogo entre dois homens houve um que reclamava das torneiras secas dizendo preferir mil vezes as cisternas. Ainda que o outro tentasse acalma-lo e convencê-lo das vantagens do encanamento d'água o colega só acalmou com a chegada d'água. Faltava-se constantemente água além das irregularidades na distribuição aumentando as queixas e reclamações.

Os redatores da imprensa escrita tentavam desculpar a Câmara dizendo que faltava ajuda do Governo Estadual. Pedia a este que contribuisse pois com o aumento das fontes de renda mais impostos seriam repassados ao Governo mas seria preciso que a população fosse servida com uma água limpa e não aquela imunda.

²¹ Jornal O Progresso 17-06-1911 nº 192

Em 1914, o pedido de que a Câmara garantisse ao menos a água que a dois anos atrás corria nos canos, era acentuado com a determinação da Câmara em que as cisternas fossem fechadas. Quem sofriam mais eram os homens, diziam os jornais, pois tinham que aguentar a falação da “mulherada” que não indo reclamar à Câmara o fazia a seus maridos.

A queixa se dava também porque enquanto se corria muita água em determinadas “torneiras” não se revelava em qual, outras ficavam secas.

O jornal *O Paranahyba* 1914²² acusa a Câmara de ter feito um mal negócio, é lícito saber que o entendente era João Severiano Rodrigues da Cunha, contraindo empréstimos e fazendo canalizações sem consultar as exigências técnicas. Consequência maior foi ter aconselhado a população de fechar as cisternas que outrora eram excelentes fontes de água prejudicando seriamente a população.

Nesse contexto os problemas de saúde era, em boa, parte em decorrência de envenenamento por carne devido a falta de fiscalização aos abatedouros feito pelos fiscais. Pela poeira das ruas e falta de limpeza. Pela contaminação da água principalmente na época do rego d'água que corria a céu aberto agravando se com as enchentes no período de chuvas. Também por problemas que, na falta de fornos nas máquinas de beneficiar arroz onde as palhas e o farelo de arroz acumulados além do mal cheiro apodreciam-se com as chuvas, possibilitando miasmas e com isso sérias doenças

²² Jornal O Paranahyba 24-09-1914 nº 21

não poderiam ser queimadas pois além de poluir o ar e prejudicar a saúde incomodava os habitantes. O único recurso seria criar fornos para cremação ou arranjar locais mais adequados para os mesmos.

A precariedade no atendimento dos doentes no período da varicela em 1910 em que não sendo socorridos pelo Governo a Câmara foi obrigada a socorrer-los e com vacinações e tratamento aos doentes. Lamentavam o descaso do Governo que servia Uberaba com a ajuda necessária negando a Uberabinha e Araguari os mesmos cuidados.

Era comum o uso de parteiras e médicos práticos pois os formados viajavam muito além de que a população carente não tinha como paga-los.

Em 1914 segundo dizia o jornal *O Paranahyba*²³ o DR. Rodrigues da Cunha em virtude de uma denuncia feita pelo farmacêutico João Severiano Rodrigues da Cunha pedia que fosse instaurado um inquérito contra dois membros da cidade que exerciam a prática da medicina ilegalmente. O eixo da questão se dava segundo o redator por ser esses dois individuos contrários a política de Rodrigues da Cunha pois apoiaram os hermistas e não os civilistas como queriam esses políticos. As queixas se recaiam muito mais por haver na cidade outros médicos práticos que não foram denunciados por serem amigos do denunciante e que este usava da justiça e da policia fazendo desses instrumentos de sua política.

De acordo com SOUSA & LIMA(1998)²⁴ “as moléstias que mais acometia a população era sífilis, gonorréia, colerina, desinterias, ‘amarelão’, maleitas, sarnas, etc”.

²³ idem, 18-10-1914 nº 09

²⁴ SOUSA & LIMA, op. Cit. p.145

No que concerne à limpeza e à higiene que são constantemente faladas era em virtude das doenças e no aspecto ruim que dava à cidade. Desta forma pediam mais cuidado no transporte e comercialização da carne verde, melhor fiscalização bem como tudo o que se referia à higienização e limpeza pública.

Como já dissemos a rua era o local onde mais se encontrava entulhos dividindo o espaço com os animais soltos que além de deixar um aspecto ruim ainda incomodava os habitantes e consequentemente deixaria aos visitantes uma péssima imagem. Embora houvesse na Câmara as leis de proibição de se atirar lixo nas ruas essa era uma queixa frequentemente encontrada nas páginas do jornais

Percebe-se que haviam pessoas que questionavam a imposição de tantas leis mas impenhados em divulga-las dando crédito a quem as colocava em prática os jornalistas sempre as defendia. Mas ainda assim, o próprio serviço de limpeza pública não estava sendo cumprido apesar de que com sutileza os redatores pediam que os administradores públicos agilizasse tal bem, dando assim exemplos a população.

Até mesmo no cinema queriam que o povo fosse perfumado pois um certo indivíduo não se sabendo por qual motivo resolvendo tirar seus sapatos causou horror ao redator que sentindo um cheiro desagradável e percebendo o que tal pessoa havia feito e como se não bastasse tantas leis que, inclusive, eram agraciadas mais pelos redatores do que pelo povo, pedia ao Agente Executivo que se acrescentasse ao código municipal uma das leis dos Estados Norte Americano multando com alta quantia quem passasse mais de oito dias sem tomar banho.

Dizia o redator de *O Progresso* 1912 que atual Câmara tinha feito muitos progressos. Com o firme propósito de mostrar as melhorias objetivadas pela atual

Câmara podemos observar que nesse período ainda havia vários problemas ainda por resolver, mas ainda assim ele descreve uma cidade que levando-se em conta que já há 4 anos que essa administração comandava a cidade, antes disso aproximadamente em 1908 se pintava uma cidade horrível. Podemos assim regatiar o que era nos colocando naquele momento onde se incaixava nos melhoramentos da cidade ainda que com pinceladas leves o bom andamento da cidade, as boas qualidades do solo, do clima, do privilegiado posicionamento concorrendo para uma cidade civilizada acompanhando os centros mais populosos.

Podemos utilizando-nos dessa mesma fonte proferir uma outra realidade que conforme as próprias palavras do redator indica a paupérie da cidade naquele momento:

“De uma cidade imunda onde se encontrava chiqueiros de porcos em quase todos os quintais, ruas esburacadas atravessadas de espaço a espaço por enormes bicas de aroeira, onde corria uma água infecta e imprestavel para a servidão pública, sem iluminação, sem hygienne e sem conforto,(...)”²⁵

²⁵ Jornal O Progresso 24-02-1912 nº 227

De uma forma geral a higienização era um ponto de preocupação para evitar as doenças e diminuir o mal aspecto da cidade. Podemos dessa forma através de versos encontrados no jornal ver como era lenta a limpeza das ruas:

“ Tudo no mundo fenece

Enfim, tudo se definha

Menos o lixo que cresce

Nas ruas de Uberabinha

E continua...

Sae o Nilo do Governo

Desmancha-se a panelinha,

Mas o lixo _sempiterno

Nas ruas de Uberabinha

Chegar por fim `a Goyas

De ferro a almejada linha

Mas a vassoura, jamais

*Nas ruas de Uberabinha*²⁶

A iluminação de uma forma geral foi sempre uma das reivindicações, mas teve problemas desde sua iniciação quando era feita ainda através de lampiões. As reclamações eram devido a falta de se ascender os lampiões de determinadas ruas que se complicavam ainda mais no tempo chuvoso em que ruas se alagavam e as noites escuras a situação ficava ainda pior. Em grande parte se reclamava também pela falta de iniciativa dos capitalistas que aproveitavam para fazer seus investimentos nos quais davam lucros rápidos por isso a reclamação em se não trazer a iluminação elétrica antes de 1909 tendo os rios caudalosos na cidade.

Após a energia elétrica ter sido instalada houve alguns problemas em relação ao cumprimento do contrato ou seja estavam muito altas as prestações em si comparando com Uberaba e Araguari tanto dos particulares como da iluminação pública. Tentavam-se dessa forma reformar o contrato para que a iluminação elétrica não ficasse tão cara.

Conforme as pesquisas de SOUSA & LIMA(1998)²⁷, “mesmo após a iluminação elétrica as candeias e as lamparinas eram utilizadas nas residências ao anoitecer. Estas utilizadas especialmente pelas famílias de baixa renda mesmo porque o material utilizado para ascendê-las era o azeite de mamona de fabricação caseira e econômico. Os inconvenientes desses utensílios era de que a candeia por ser aberta onde se condiciona o combustível derramava ao ser transportada de um lado para outro. Quanto a lamparina

²⁶ idem, 19-11-1910 nº 162

²⁷ SOUSA & LIMA op. Cit. p.36

que era fechada, tinha suas desvantagens pois a fuligem que expelida pelo combustão do querosene tingia o rosto do usuário”.

A iluminação faltava em outros pontos da cidade incluindo aí a escassez de energia elétrica nas praças onde as pessoas ficavam dando voltas perto de onde mais possuía claridade assim ficava um aglomerado de pessoas nos locais mais claros feito aleluias procurando luz. A reclamação era a falta de luz em certos pontos do jardim onde se iam fazer passeios noturnos, ouvir a banda de música tendo que disputar um lugarzinho com os demais na falta de claridade dos outros cantos do jardim.

Outros dois fatores interessantes apontados pelo jornal em primeiro é em relação aos acidentes de funcionários da usina de energia em que um morador presenciando um acontecimento em que quase foram vitimados três empregados da empresa quando tentando mudar os fios condutores já se passando as seis e meia da tarde. A pessoa dizia que a firma tinha condições de evitar esse acontecimento em especial não permitindo funcionários fazer tais serviços quando a energia tinha que funcionar na cidade, ou seja após às seis horas da tarde.

Também um poste que mal acentado na transmissão de energia Uberabinha /Araguari que eletrificando o arame no qual ele estava apoiado matou um cavalo eletricutado e deixando desacordado um rapaz que o montava. Segundo o redator o rapaz foi salvo devido uma manta de lã colocado por baixo da sela isolando um choque que poderia ser fatal ao indivíduo.

Um outro fato que muito pouco ou que nada se comentou nos jornais foi em relação ao aceitação ou não desses melhoramentos das pessoas, nos referimos aos pobres em se colocar em sua casa a energia elétrica que como vimos era mais cara do

que nas cidades vizinhas e a encanação de água onde o Agente Executivo mandava fechar as cisternas e depois além de se pagar as taxas os servidores eram muito mal servidos.

Conta-se como sendo lenda, no jornal *O Progresso*²⁸ de um morador ter se mudado para Catalão pois não aceitava a energia elétrica em que o brilho da lâmpada irritavam lhe as retinas. Essas pessoas era consideradas como retrógadas e que não conseguia aceitar o progresso deste município. Dessa forma ainda que muito vagamente podemos observar que havia quem se opusesse aos benefícios adquiridos.

As conquistas de Uberabinha percebemos que aconteciam em virtude dos políticos que lutavam para conquistar o que desejavam em prol de melhoramentos no espaço em que se inseriam. Embora que quando contrariados em seus desejos, as relações se mudavam e as brigas se acerravam naquele momento.

Em certos momentos deveriam, ainda que contrariados, fazer as pazes ou pelo menos acalmar um pouco para que Uberabinha não ficasse tão prejudicada pois alguns Governos como por exemplo Bueno Brandão, Governo Estadual atenderia algumas reivindicações caso se apaziguasse as brigas entre os dois partidos, ou seja *Coió* e *Cocão*.

Dessa forma percebemos como os interesses pessoais pesavam nesse momento pois como vimos, as perseguições políticas eram ferrenhas. Assim o caso da parteira em que seu marido votando em outro partido contrariando os políticos vigentes, foi proibida de exercer a profissão camuflada atrás de uma ilegalidade médica.

²⁸ Jornal O Progresso 21-03-1914 nº 335

E outros tantos conflitos que deveriam existir mas que apenas via jornal não podemos identifica-las.

A própria polícia não funcionava de acordo com o povo e sim conforme seus interesses, dessa forma. Como colocado no capítulo 1 que a polícia controlava bem e mantia a paz na cidade podemos ver por outros acontecimentos que havia uma outra versão. Na verdade a policia foi boa parte do tempo um problema para a cidade. Ela agia conforme queria assim prendia embriagados que dissesse meia dúzia de palavrões a uma pessoa e nada fazia a quem entrava na moradia de outra pessoa e agredia fisicamente um individuo e nada era feito contra o agressor. Negligências eram cometidas barbaramente sendo que a policia deixava a cidade ser vista negativamente por outras cidades quando nada fazia para descobrir por exmplo, autores de determinados crimes. A polícia agia de forma brusca batendo de madrugada na porta de vendeiros pedindo bebidas de álcool, bebendo a vontade e não pagando a conta batendo ainda na pessoa caso reclamasse. As denúncias feitas contra esses cabos não eram feitas pelo suplente do delegado de policia. E aí a situação se inverte pois seriam eles quem deveria manter a ordem, acabando por ser eles os principais infratores. A polícia não temia a população pois causavam tais brutalidades mesmo na frente de várias pessoas, até um padeiro que esbarrando-se sem querer num soldado recebeu em troca vários palavrões acompanhado de um empurrão. Além do mais esses policiais faziam questão de mostrar que estavam armados. Batia a vontade em qualquer pessoa podendo ser jovem e pessoa já idosa espancavam sem dar motivos e contra esses, policiais nada era feito. Dessa maneira é que a polícia “vigiava” a cidade prejudicando os moradores. Nesse período quem denominava os policiais era o Governo do Estado mas de uma forma geral em todos os

anos haviam reclamações da polícia, seja por desacato à população, seja por estar equiparada com determinados políticos na verdade ela nunca está em defesa do cidadão, do indivíduo comum e sim do lado do poder político.

O que se quer nesse momento é apontar um outro lado da cidade em que aparecem conflitos e abuso de poder com isso ofuscando em parte a idéia de povo pacato. Pois se de um lado a reclamação era para que a policia colocasse ordem na cidade disciplinarizando a população fazendo com que fosse controlada a bebedeira da população que causava além de discussões um com os outros em certos momentos haviam agressões físicas com uso de armas de fogo e até causando morte. Em alguns momentos em que a policia agia corretamente prendendo assassinos ainda assim revela a contradição do povo pacato não se quer nesse momento destruir com a imagem do povo de Uberabinha mas mostrar por um outro viés que nem sempre a tranquilidade reinava nesse município. nas ruas a policia era chamada a agir contra bagunceiros que diziam palavrões e davam tiros causando pânico na população e envergonhando as famílias.

Quando se é colocado a falta de policiais sendo poucos os que possuíam naquele lugar onde revezavam quatro na cadeia que estava cheia de infratores. Se era necessário mais soldado era porque a desordem estava muita mas por outro lado havia também as insatisfações com o delegado de policia e com os soldados que ao invés de controlar a população mantendo a ordem eram eles que em boa parte causavam desordem agredindo os habitantes e deixando a bagunça correr solta. A polícia acabava por ser uma ameaça a sociedade com tantas atrocidades por ela cometidas Prendiam as pessoas sem muitas justificativas além do mais defendiam quem eles quisessem como foi o caso do Professor Honório Guimarães onde irritado com o redator do jornal *O Pintasilgo* dizia dele. Disse

ter lido o jornal e não ter gostado do que nele continha desrespeitando assim homens importantes como ele, Honório Guimarães. O Professor Honório estava embriagado e logo após um pequeno espaço de tempo vendo passar por ele novamente o redator do jornalzinho deu-lhe um tiro a queima roupa que foi desviado graças a um amigo seu que rebateu a arma. No bar onde aconteceu o episódio estava cheio de pessoas principalmente por ter sido num domingo e próximo ao cinema São Pedro. O Professor com a ajuda dos suplentes de delegado foi inocentado. Com isso percebemos como a polícia abafava casos e protegia criminosos. Cabe aqui revelar que esse jornalzinho *Pintasilgo* havia se instalado apenas a dois meses na cidade e já havia recebido um tiro por ter dito algo que desagradou a um dos poderosos do local. Esse jornalzinho era de finalidade crítica e humorística.

No jornal *O Paranahyba*²⁹ deixa bem claro o que já havíamos dito antes em relação ao não conseqüência dos jornais de contestação e a falta que eles nos fazem hoje no intuito de se ter uma melhor visão do que ocorria na cidade com opiniões diferentes daqueles jornais que coligados com os detentores do poder vigente muito pouco criticavam. O redator do jornal conta que o redator desse jornalzinho foi perseguido pelo suplente de delegado de polícia e proibido de continuar circulando seu jornal, já no 3º número ele foi obrigado a suspender as publicações. Além do mais pediam ao Governo do Estado Delfim Moreira que mandasse um Delegado de Polícia para Uberabinha.

²⁹ Jornal O Paranahyba 22-10-1914 nº 10

O roubo também era um problema na cidade. Roubavam roupas nos varais, roubavam as lojas, louças, objetos de valor e assaltavam transeuntes perturbando a tranquilidade pública principalmente a noite. A cidade em que se podia dormir de janelas abertas e deixar portas abertas ao sair não existe mais. Eram os próprios “filhos do lugar” que cometiam tais atrocidades.

A onda de roubo era grande e há quem se queixasse de não poder pagar um guarda para vigiar sua casa ou seu quarteirão em virtude dos altos impostos.

Os versos abaixo ilustram em parte o roubo na cidade o artigo se intitula “bicadas”:

(...)

Coitada, pois, os gatunos,

Como gaviões noturnos,

Voaram no seu quintal

E com as quatro unhas em toda

Roupa que estava no varal

Também foram ao galinheiro

E até galo do terreiro

Danados a não perdoarem,

Levaram a pobre vizinha

Que causa dó, coitadinha

Na desgraça que a deixaram

Também hoje, em Uberabinha

Dizia a minha vizinha,

Existe um grave defeito:

É um pula-pula de muro

Que, basta estar pouco escuro

E uma coisa sem jeito

Pulam aqui acolá

Espertos como gambá

E, as vezes, gente de bem

É que faz isso, e a gente,

Para não ser imprudente

Deixa pular . . . que que tem?

Fica indeciza a coitada

Da tal visinha roubada

Porém tem ella razão,

Pois, não distingue no escuro

Se lhe está pulando o muro

Gente de bem ou ladrão”

Preocupados com a imagem da cidade no que se referia à moral, o jogo do bicho era constantemente pichado como um mal que sujava a cidade moralmente. O jogo iludia as pessoas fazendo com que a ociosidade tomasse conta do indivíduo.

A ociosidade era o avesso a prosperidade e o trabalho. Mas não só o jogo do bicho como os jogos em geral era questionados pois famílias inteiras dos membros masculinos no qual fazem menção entravam nessa ganhando e muitas vezes perdendo todo o seu salário ganho no mês no serviço no qual era empregado, muitos se endividavam fazendo empréstimos para cobrir as dívidas. Através dos jogos os homens chegavam a perder sua dignidade ao darem sua palavra que não voltariam mais jogar e no outro dia já estavam na mesa do carteador.

Foi constante também o pedido para a construção de uma cadeia pública na cidade para que assim fossem acolhidos detentos e criminosos.

Embora Uberabinha contribuisse bastante para os cofres de minas era esquecidas em suas queixas. Só o dinheiro gasto com engenheiros e estudos para que fosse realizado os planos já quase dava para concluir outra cadeia e não passava de plantas e projetos.

A imprensa escrita reclamava constantemente do Governo pela falta da cadeia, era tida como um indispensável melhoramento pois significava um corretivo e agravando-se mais ainda com a falta de policiamento a cidade não tinha como manter a ordem

³⁰ Jornal O Binóculo 02-04-1916 nº 06

recordavam para a antiga história da cadeia velha incendiada por um louco que acabou sendo um herói ao livrar a cidade daquela construção que envergonhava o município.

Conforme TEIXEIRA(1970)³¹, A primeira cadeia “Miquelina” era de pau a piqui construída em 1891 inaugurada por uma mulher cujo nome era Miquelina daí o nome da cadeia já em 1908 o estado era desolador.

Pachola um demente do local sendo preso dizia ser aquilo um ninho de pulga jurou queimá-la cumprindo sua promessa assim o fez destruindo

O Delegado de polícia Alexandre de Oliveira Marquez providenciou uma cadeia provisória no prédio da rua Bernardo Guimarães, até ser feita uma outra construção à rua tiradentes que por diversas vezes foi ampliada e consertada.

Outro ponto que envergonhava a cidade segundo os jornais era o cemitério velho que ao ser retirado os muros ficou a céu aberto. Daí pediam que pelo menos se fizesse um jardim. Quem muito criticava e conseqüentemente incomodava os jornalistas, era a imprensa vizinha em especial a de Uberaba que criticava o estado do cemitério que sem os paredões servia de pasto aos animais. Era nítida a idéia de que não seria feita a transladação dos corpos ali existentes.

Irritado com o Bispo o redator de *O Progresso* 1907 denunciava a venda do terreno à Câmara dizia ser propriedade do povo. A Câmara mandou que fosse retirado os muros para que fossem aproveitadas as pedras. Com tantas queixas a Câmara mandou cercar o local.

³¹ TEIXEIRA, Tito. Op. Cit. v.1, pp.82-83

O jornalista critica o Bispo de todas as formas de vender o que não lhe pertencia, de não se preocupar com os mortos, de pisar sobre as leis imperando e fazendo o que quer, o critica até de atacar o regime republicano apoderando-se da consciência popular. Terminam pedindo ao Vigário Dantas que translade os restos mortais e que se construísse no local um jardim que ornamentasse a cidade oferecendo melhor aspecto ao forasteiro. O cemitério velho ficava onde é hoje a praça Clarimundo Carneiro e por isso não causava boa impressão situado no meio da cidade. Diziam que ele ali assombrava com os restos mortais ainda lá. Escolhendo-se um local para a instalação de uma escola o local do cemitério apontado foi logo questionado, que se plantasse flores e não sementeiras do futuro. Gostariam de um jardim e não de uma escola ali, não descartando a escola mas sim o local onde esta seria construída. Segundo os jornalistas era incômodo olhar e ver aquela série de restos mortais incravados entre as casas. Depois o redator achava melhor que se plantasse um jardim sem retirar os ossos pois temia que se pegasse doenças pois asseguravam que duas ou três epidemias de varíolas andavam a cidade quando era ainda servida pelo cemitério velho.

Em 1916 mais uma briga foi para que não se construísse no local do cemitério o Paço Municipal, que contrário ao pedido foi construído lá mesmo o Paço onde atualmente funciona o Museu Municipal de Uberlândia.

Basta saber que nesse momento as reclamações das pessoas e dos redatores eram muitas pois o cemitério desativado ficou muitos anos deixado ali e mesmo sem que nenhuma medida fosse tomada.

Em suma podemos relatar algumas datas mais precisas retiradas do texto. “A Praça Clarimundo Carneiro³² em 1898 o cemitério foi desativado sendo inaugurado outro na Av. Paranaíba (hoje “Vila Militar” no Bairro Tabajaras). Em 1907 a Câmara após ter adquirido o terreno para um jardim público que deveria ornamentar o entorno do Paço da Municipalidade a ser construído. Em 1915 foi definitivamente demolido encravado em meio as casas que já circundavam o local. Em 1916 foi construído o Paço Municipal.

No Rio de Janeiro também nesse período com o firme propósito de modernizar e tentar se aproximar o máximo dos costumes europeus. Querendo fazer com que a população mudasse rapidamente seus hábitos e costumes se encaixando numa vida artificial que era *belle époque*.

Assim SEVCENKO(1985)³³ nos revela que os “velhos casarões já deram lugar as pensões baratas provocando uma verdadeira ‘*crise de habitação*’. A caça aos mendigos se dá para que fossem eliminados do centro da cidade a idéia era de se preservar o centro da cidade ao redor da nova Avenida (Avenida Central Inaugurada em 1904)”.

Mas podemos observar através desse depoimento como ficava a população ao ser desapropriada pois não tendo como pagar os aluguéis refugiava para os morros que circundavam as cidades onde eram inviáveis para qualquer arquitetura, serviam de refúgio aos mais necessitados. Assim coloca o autor:

³² SOUSA, Maria Núbia A Martins & LIMA, Sandra Cristina F. de. Vida nova ao Palácio dos Leões. In. *A Praça Clarimundo Carneiro*, Secretaria de Cultura, Divisão de Memória e Patrimônio Histórico. Museu Municipal, dez.1996.

³³ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. pp.30-34

“Quando os despojamos dos seus mesmos tugúrios, que substituídos pelos palácios que nos envaidecem, esquecidos de que os miseráveis, expulsos à força abrigavam-se nos casebres de caixas de querosene e folhas de flandes nos cumes dos morros, ou de sapé e barro cru ao longo das linhas férreas”. (SEVCENKO apud GUANABARA, 1911)³⁴

Essa febre de ir destruindo tudo aquilo que lembrava o passado foi se alastrando, a idéia contínua e exagerada de por abaixo os casebres é típico da Belle époque. Assim nos mostra TÔRRES(1930)³⁵ “que uma das primeiras preocupações do Governo de Minas foi sair de Ouro Preto. Havia uma certa insensibilidade as coisas antigas o que era próprio da Belle époque um certo ódio ao passado brasileiro pois lembrava o atraso. A idéia de ~~FICAR~~ em Ouro Preto não agradaria mais os espíritos republicanos onde se encontravam ali casas antigas de um tão ilustre passado monárquico. A mudança feita para a capital de Belo Horizonte no Governo de Bias Fortes onde passaram tempos terríveis até que se acostumassem à poeira, ao calor a falta de conforto que veio posteriormente quando as casas começaram a encher as ruas e pessoas foram se acostumando”.

Uberabinha pedia constantes demolições ora para se prolongar uma rua, ora para deixar o local menos feio. Assim diziam ser preciso retirar algumas casas em ruínas e

³⁴ Idem, Op. Cit. p.58

³⁵ TORRES, João Camilo de Oliveira. A Nova Capital In. *História de Minas Gerais*, 3ª ed. Belo Horizonte, Leme, Brasília, INL, 1980, pp.1251-1255.

alargar ali tal como foi o caso de pedirem que era preciso alongar a rua Uberaba uma das melhores da cidade, tirando algumas casas e fazendo dela uma rua mais bonita embelezando a cidade como já havia sido feita no Rio de Janeiro, a Capital do Brasil, com a inauguração da Avenida Central. Propugnando as medidas tomadas pela Câmara, a imprensa local festejava as desapropriações das casas que impediam o desenvolvimento da cidade e o alongamento de certas ruas. As casas segundo eles davam um aspecto feio à cidade não causando boa impressão aos que vinham de fora.

Não sabemos qual o destino dos antigos moradores ou proprietários dessas casas, pois o que eles elucidam é que em certos momentos alguns proprietários dessas casas, cediam os terrenos para alongamento de ruas dando direito que demolisse algumas construções. Regateando a demora da Câmara nesses serviços viam como necessidade urgentíssima em por abaixo as casas velhas, A Igreja do Rosário aparecia como um “espantalho na praça Rui Barbosa, o valor histórico e a restauração parecem não ter significado algum, deveria se construir novos prédios construções arquitetônicas e ir apagando da memória vestígios de uma cidade do passado. Tentavam a todo custo fazer que a Câmara não permitisse construções em lugares desapropriados mesmo sabendo que posteriormente fossem desapropriados pois, diziam os redatores, depois pediriam indenização e cobrando os impostos que já foram pagos. O principal a ser observado era se a cidade caminhava, as barreiras e os impecilhos não importava quais fossem deveriam ser eliminados. Se fosse para o bem da cidade que se fizesse as demolições e desapropriações necessárias não julgando valor histórico, sentimentos e as condições de quem seria desapropriado. Não sabemos como já dissemos para onde iriam as pessoas desapropriadas.

Arraigados no firme propósito do desenvolvimento, seguiam ofuscando as reclamações, se é que estas existiam pois nos jornais nada se dizia a esse respeito, com a propaganda de que era preciso desenvolver. Era preciso se fazer novas casas para aguardar os visitantes, as pessoas – aquelas que investiriam na cidade contribuindo para seu progresso, sendo necessário que ao virem, encontrassem já onde se instalar. Se em muitos lugares se faziam isso porque não haveria de fazer aqui, uma vez que já se achavam em bom andamento de propriedade. Mas a cidade era cheia de terrenos desocupados onde muitos cercados por muros pedindo-se um bom dinheiro por eles não deixava que os menos ricos pudessem construir suas casas, fazendo que fossem para lugares mais longe. E havia ainda quem contemplasse calado sem coragem de se dirigir ao poder público e deixar suas queixas. Onde muros ocupavam lugares de casas que poderiam ser construídas mais próximo à cidade. Era assim que algumas pessoas calcavam certas distâncias indignados com a má distribuição de terrenos. Isso foi o que pudemos perceber no jornal *O Progresso* 1914.³⁶

Deveriam, nem que fosse por lei encaixar os moradores na idéia do progresso. Por isso deveria ser necessário construir escolas, casas, ruas, arborizar praças trazer a luz, o encanamento de água muito mais para deixar um bom aspecto. Mas era preciso que fizesse com que a população construísse muros e passeios. Fica nítido o descompasso entre a população e o desencadear do progresso que deveria ser feito nem que fosse a força.

³⁶ Jornal O Progresso 25-10-1914 n.º 366

A Santa casa de misericórdia foi construída muito mais no intuito de tirar das ruas os mendigos. MACHADO (1990)³⁷ fala que na “Europa o século XIX traz mudanças substanciais no que se refere a disciplinarização do trabalho e dos conceitos e formas de tratamento da pobreza o que será no Brasil tema de discussão. A partir do séc. XX é que essa instituição e ações serão mais sistematizadas quando os patronatos e dispensários e os hospícios vierem substituir as Santa Casas e outras formas de caridade pública e / ou religiosas”. Ainda que com muito custo a Santa Casa foi sendo aos poucos construída com o apoio dos mais populares e com melhores condições financeiras. Dizia-se que ao ser erguido “O templo da caridade” já mostraria aos forasteiros o sentimento de fraternidade aos irmãos infelizes e desprotegidos da sorte. Mas segundo o que podemos observar através do livro dos autores CUNHA & SALAZAR (1989)³⁸. A Santa Casa teve início de sua construção no ano de 1909 mas só foi construída em 1918, sendo apressada devidamente, para atendimento das vítimas da gripe espanhola.

Podemos ainda através de (CARVALHO apud BENCHIMOL, 1987)³⁹ ver como foi as imposições realizadas por Pereira Passos no Rio de Janeiro na ânsia de fazer da cidade suja, pobre e caótica réplica tropical de Paris. Baixaram várias posturas que acabaram por interferir no cotidiano dos cariocas em especial dos ambulantes e mendigos proibiu cães vadios e vacas leiteiras nas ruas, os mendigos foram recolhidos aos asilos, proibiu criação de suínos, a venda ambulante de bilhetes de loteria. Não poderia cuspir nas ruas, dentro dos veículos, não urinar fora dos mictórios e nem soltar

³⁷ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Op. Cit. p.11

³⁸ CUNHA, Antônio Afonso Mons. & SALAZAR, Aparecida Portilho. *Nossos pais nos contaram 1818-1989*. História da igreja de Uberlândia, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1989, p.437.

³⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987, p.95 apud BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos – um Haussmann tropical; as*

pipas. Diz não saber quantos dessas leis foram cumpridas mas que o rigor em aplica-las era muito maior. Em Uberabinha embora o código de posturas proibisse várias coisas, a imprensa local em muito contribuiu para que outras medidas fossem tomadas como o caso das vacas e não escapou nem mesmo os animais que eram ferrados debaixo de uma árvore na Praça Dr. Duarte foi repreendido pelo jornalista sendo aquilo muito feio e indo contra a civilização, na verdade o que mais incomodava é ser aquele ato “ abominável” ser visto por um visitante.

Foco de constante reclamação eram os mendigos que deveriam desaparecer do centro da cidade principalmente aqueles que segundo os redatores, exploravam a caridade pública, sádios ou inválidos deveriam dar- lhes um jeito pois estavam acostumados a ociosidade. Dessa forma pedia que os obrigasse a usar a placa de identificação. Conforme o jornal *O progresso*⁴⁰ “*Isto além de justiça é também um ato de caridade*” A polícia chamada a combater esse mal evidencia como a mendicidade representava um mal estar a sociedade. A questão do trabalho é colocada como regeneração do indivíduo. E como a cidade era muito bem organizada os mendigos tinha os dias de pedir, as quartas e sábados imploravam a caridade pública. Dizia-se até que os pretos como os brancos eram ociosos. Havia muito serviço no campo e que apesar de serem favoráveis a libertação dos escravos deveria impor-lhes a obrigatoriedade do serviço pois haviam muitas mães de famílias sofrendo penúrias por falta de criadas e conselheiras.

transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Tese de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982, pp.573-590.

⁴⁰ Jornal O Progresso 24-05-1908 nº 36

A Escola aparece também como já dissemos como grande formadora do indivíduo. Não era atôa que se pedia não só a policia como também aos pais que zelassem melhor de seus filhos educando-os para que no futuro fossem homens de destaque no que concorre à futura contribuição ao progresso da cidade.

A criança deveria ser vigiada para que não se encaminhasse para o crime. E é através da escola, conhecendo o carater desses individuos que se poderia à tempo corrigi-los. Mesmo as inocêntes brincadeiras de criança como correr na praça ou brincar de *pique de pegar* era recriminada. Podemos imaginar pequenos rôbos militarizados nas escolas onde fazem continência ao professor-General, e seguiam todas as normas e regras. Estas brincadeiras eram consideradas arte de pouco gosto o que poderia ser tiritível ao visitante que ao chegar na praça - lugar público, e ver a meninada fazendo bagunça daria uma péssima impressão ao forasteiro. O mais tiritível ainda era o pó - problema da administração pública - que era levantado por esses moleques. Era por esse motivo que justificavam a presença de policiais nas passeatas civicas escolar. Pois bem, vendo essas peraltices concluiam que essas crianças poderiam ser no futuro desordeiros e criminosos. Podando as brincadeiras em locais não adequados e conduzindo melhor seus filhos é que os pais iriam moldando suas crianças esperando. Assim que mais comportadas as crianças pudessem ser grandes homens no futuro dando continuidade a que já havia sido feito pelo município até poderem na maturidade assumir tal compromisso. Os meninos desocupados se encaminhavam ao abismo do mundo do crime. Era preciso também que todas as escolas fossem mais severas formando consciência e caráter.

Quem mais reclamava da meninada era Honório Guimarães, professor e diretor de escola que via jornal pedia a pais e policiais para repreender a molecada. Queriam que se padronizasse os indivíduos criando criaturas dóceis. Como se fosse possível seguir todas as normas impostas. Honório Guimarães tinha um protótipo de criança e se deveria formar os outros daquela forma. Dessa maneira controlava-os no cotidiano, seja em casa, na escola ou no lazer.

Mas a escola, também na cidade, tinham seus problemas, descaso do Governo em ajudá-los ainda mais quando queriam comparar com os países adiantados aí que ficava um caos. Através dos jornais vê-se que faltava tudo, higiene, material, mobiliário e outros.

Em 1907 havia se fechado a escola masculina e o Governo não deu a maior significância. O que se desenvolvia era a escola particular embora fosse aclamada pelos redatores imaginamos como não teria ficado quem não pudesse pagar as escolas particulares.

Eram os particulares que corriam a socorrer mesmo a Escola pública tentando evitar que esta se fechasse de vez. Era grande o número de crianças que ficavam fora delas.

O Próprio grupo escolar Júlio Bueno Brandão prometido numa vinda do então Governo Estadual Bueno Brandão em 1911 só foi inaugurado quatro anos depois.

O problema era sério por falta de local e por excesso de alunos: muitos ficavam fora sem receber instrução. Faltavam escolas nas fazendas e muitas crianças, como o próprio redator falava, no obscurantismo. Debatiam-se pois o Estado de Minas Gerais decretava o ensino obrigatório mas não socorria as cidades que não as possuía em

número necessário. Era nesse clima de tensão e de sufoco que a educação caminhava nesse local contando com o apoio dos políticos e de alguns particulares, o que não podia era deixar de vez a cidade sem ensino mesmo porque a civilização não se dava com o completo analfabetismo.

Iam tentando colocar a cidade num patamar mais elevada e para isso ao passo que criticavam, elogiavam também para que não esmorecendo os habitantes fossem além de suas capacidades para fazer com que o município assumisse o papel que alguns haviam lhe empenhada de estar entre as melhores cidades do Estado e a segunda melhor do Triângulo.

A politicagem que ora contribuía para o andamento da cidade, ora lhe atrapalhava pois as rixas viviam em brasas. E os redatores dos jornais que lutavam por levantar os ânimos da população e fazer a cidade progredir viviam em pé de guerra consigo mesmo, se num dia aclamava o povo laborioso, já no outro dizia que nada se fazia pela cidade, que aqui era tudo fogo de palha. A iniciativa particular nada valia. Que o povo era sequioso de melhorar concordavam mas a politicagem fazia que Uberabinha desse um passo a frente e dois atrás. Faltava mais indústrias, grandes investimentos sabemos que a cidade evoluía conforme suas condições o fato de se ter conseguido a Cia Mogiana tão cedo já é um sinal mas em certos momentos a morosidade era real. Fato concreto foi o colégio “Bueno Brandão” como mesmo disse um jornalista que mais parecia tabuleta dos bares que não queriam vender fiado – “Fiado só amanhã”. A construção e especialmente a inauguração do grupo escolar parecia ter uma dessas placas “inauguração só amanhã”, só quem acompanhou os jornais poderia sentir a aflição de ver realizado essa construção.

O Governo era o mais *pichado*, pois, boa parte das conquistas eram vindas da Câmara ou por alguns particulares, devido ao Governo que não contribuía, negava para cá o que oferecia em outras bandas. A reclamação era em geral, que o Governo se esquecia do Triângulo sendo ele uma das partes que mais contribuía para os cofres estaduais e conseqüentemente se esquecia de Uberabinha deixando que os poderes Municipais cuidassem sozinhos de tudo que se tinha por fazer.

O correio que é um meio de comunicação também já dissemos este foi construído em 1883. As reclamações mais gerais era em relação à demora das cartas, levavam um longo tempo até chegarem no seu local de destino sem contar os extravios por falta de endereço correto ou por não se conseguir “traduzir” o destino da mesma. O local inadequado onde era instalada a Agência necessitava de mais funcionários. Era uma injustiça pois pagavam tantos impostos.

E por falar em injustiça o fórum também estava em estado de petição de miséria, mais parecia um pardieiro do que um fórum. Não só a construção como também o mobiliário que era escasso.

Pachola, o delinqüente, que deveria ser preso por jogar pedra nos lampiões quando estes existiam, quebrando comércios era um risco à sociedade uberabinhense servindo-se de herói somente quando limpou a nódoa de vergonha em que passava a cidade com a Velha “Miquelina” Cadeia local. E que agora seria preciso outro ato vindo de um insano para que se tomasse medidas urgentes em relação ao Fórum. Para uma cidade que era tida como urbe civilizada não era muito adequada que se tivesse tal “palácio da justiça”.

O redator de *O Progresso*⁴¹ excedia em suas injúrias dizendo que se fosse réu iria preferir a prescrição do crime entre as quatro paredes negras do cárcere do que ser julgado naquele Fórum sujeito as goteiras e ao pó, sem conforto e exposto a curiosidade do público. O local além do assoalho podre não servia nem de armazém para coisas velhas. Os Governos mandavam de ano em ano um engenheiro para examinar o prédio e sabendo que melhor seria construir outro e não reformar aquele que já existia acaba-se por nenhuma medida tomar. E essa espera de se ter um Fórum vinha a idéia por um jornalista de pedir ao “povo” de Uberabinha que desse donativos para ajudar ao Governo em construir o prédio, dessa forma não lhe negaria apoio o “povo” - Os senhores Rodrigues da Cunha, os Carneiros e Irmãos, os Freitas Costa, os Pereiras e outras famílias importantes e outros cidadãos distintos. Esses eram considerados como o povo da cidade

O Governo Julio Bueno Brandão foi o Governo que mais fez por Uberabinha de acordo com o redator de *O Progresso* de 1914, não negou muita coisa aos uberabinhense. O triste fim dessa história é que até chegarmos ao fim de nossa pesquisa lá estava o velho Fórum envergonhando a cidade até que o “Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Duarte da Silva Bernardes”, nos conta TEIXEIRA(1970)⁴² “mandou construir o novo Palácio da Justiça na praça da República (hoje Tubal Vilela) e inaugurada em 1922” foi preciso mais alguns anos de tolerância para a tão sonhada obra se concretizasse.

⁴¹ Jornal O Progresso 15-07-1911 n.º 196

⁴² TEIXEIRA, Tito. op. Cit. v.1, p.82

Outro grande empreendimento que deveria urgentemente ser construído era o Paço Municipal caminhando para um importante desenvolvimento a cidade exigia um Paço decente e moderno o qual deveria ser erguido numa praça com excelente arquitetura. O Paço representa para os jornais uma sala de visita onde se deveria receber as autoridades que por ventura viesse visitar a cidade. Um prédio imponente mostraria aos forasteiros o bom gosto de seus habitantes. A pequena sala onde era discutido e resolvida as questões municipais era outra obra que envergonhava o município. Além do mais outra construção embelezaria a cidade. A medida era urgente precisava-se construir logo o prédio mas quando se cogitou construí-lo no cemitério velho tivesse logo um contrário, gostariam que o Paço fosse construído na Praça da República. A construção foi considerada um dos melhores serviços da Câmara atual, era um pedido de sistema moderno e elegante o que para essa época era de suma importância levando em conta que a beleza era fundamental. Mas apesar dos protestos foi mesmo na praça da liberdade (hoje Clarimundo Carneiro) construído o Paço no local do antigo cemitério.

Nesse capítulo é colocado uma outra parte de Uberabinha que se tentou apagar mas que, por entre as fendas do discurso progressista pudemos perceber.

É nítida a idéia de se querer conseguir fazer de Uberabinha uma cidade que caminhava a passos largos para o progresso e em que a idéia de beleza esteja muito mais no físico, no estético no concreto e paupável.

Era imprescindível que a cidade fosse enfeitada com belas construções, com um povo ordeiro, pacato e laborioso. Mas a realidade tinha duas versões, se por um lado o Município ia galgando os caminhos da evolução e da civilização por outro os meandros segurava, seja através de falta de verbas, descaso do Governo Estadual, assim vista pelos

jornalistas, ou mesmo porque era difícil fazer com que o povo fizesse exatamente o que os capitalistas desejavam. Que a população pagasse seus altos encargos via impostos e código de postura, por outro a luta deveria ser mais acirrada pois os habitantes não eram tão pacatos como se queria. Tentavam lapidar na bruta os moradores mas havia resistências. Havia brigas nas ruas, havia sujeira, animais soltos, distribuição de carne sem higiene e longe dos padrões permitidos pela lei. Queriam uma instrução adequada mas faltavam-lhes escolas. Queriam que os vendedores de carne e distribuidores tivessem mais cuidado com a higiene e local adequado para manuseio dos animais mas até mesmo o Matadouro Municipal era pouco adequado.

As ruas ainda eram de terras ao passo que se exigia dos moradores construir passeios e muros. Todos contribuíam com os pagamentos de água e energia elétrica mas não chegavam da mesma forma para todos. Enquanto reclamavam de se ferrar animais debaixo de árvores nas praças dificultando a civilização, o cemitério ficou por longos anos servindo-se de pasto aos animais. A imposição da civilização de uma ideia acirrada do Republicano se chocava com o cotidiano do povo em especial dos menos afortunados.

A ideologia do trabalho se estabelecendo a ordem e consequentemente o progresso deixava a mostra que o trabalho dignificava o indivíduo enquanto a ociosidade e vadiagem era a mancha de qualquer lugar. Por isso incapazes de se criar novos métodos e tentar encaixar os pobres e os sem trabalho usavam da polícia para controlar e punir, se o indivíduo não era trabalhador era vadio sem ter um meio termo.

A Santa Casa de Misericórdia não foi criada simplesmente porque se queriam ajudar os mendigos mas, para coloca-los num lugar onde vigiados, não incomodassem

ninguém. Ou que pelo menos não incomodassem quem contribuía pelo bem da cidade, ou seja os capitalistas, proprietários e políticos.

A proposta do novo ia pondo a baixo tudo aquilo que vinculado com o passado impedia de evoluir as Casas, a Igreja Velha, aquele “espantalho” que deixava a praça Rui Barbosa tão feia e que outrora foi templo de Deus depois não passava de um entulho para a civilização. Nesse sentido iam mesclando a feiúra do lugar, a pobreza. Os valores sentimentais era muito pouco resgatado por isso não bastava que retocasse, que consertasse era preciso destruir e construir uma arquitetura moderna, assim foi com a Igreja, com o fórum e com as casas que deveriam ser desapropriadas para se dar lugar a uma rua ou alongar outra. Importa-se que fosse feita em virtude do alastrar do progresso. Mas nem mesmo toda dedicação dos redatores e jornalistas foram capazes de ofuscar uma realidade que embora com voz mansa ao som gritante das picaretas da destruição, de serem de todo apagadas.

E foi nesse intuito que através deste trabalho mostramos, por entre as brechas deixadas pelas folhas de jornais, muito mais para mostrar o que era necessário fazer do que propriamente denunciar: é que podemos apontar o outro lado da cidade, lado este que não caminhava tão atrás do progresso como se queria, ainda era preciso muito.

Apesar de tentarmos ao máximo resgatar uma outra história ofuscada pelo discurso ideológico social, feito pela imprensa local, especialmente do jornal *O Progresso*, que propunha fazer de São Pedro do Uberabinha uma cidade moderna e progressista. Para o leitor, que vivência uma cidade moderna, inclusive considerada pelos propagandistas como sendo “maravilhosa”, fazendo com que tais adjetivos perpetue no seio de Uberlândia até hoje, fica difícil que estes imaginem uma cidade

carente de tantos recursos básicos como saneamento, asfalto e outros. Foi no intuito de desmistificar essa visão tão idealista ,que camuflou esses problemas, que apontamos nesse capítulo final, é que baseou nosso trabalho.

Através de umas poucas fotografias esperamos que, o leitor, ilumine suas idéias, buscando uma imagem mais concreta do que tivesse sido Uberlândia no período em que quisemos ilustrar.

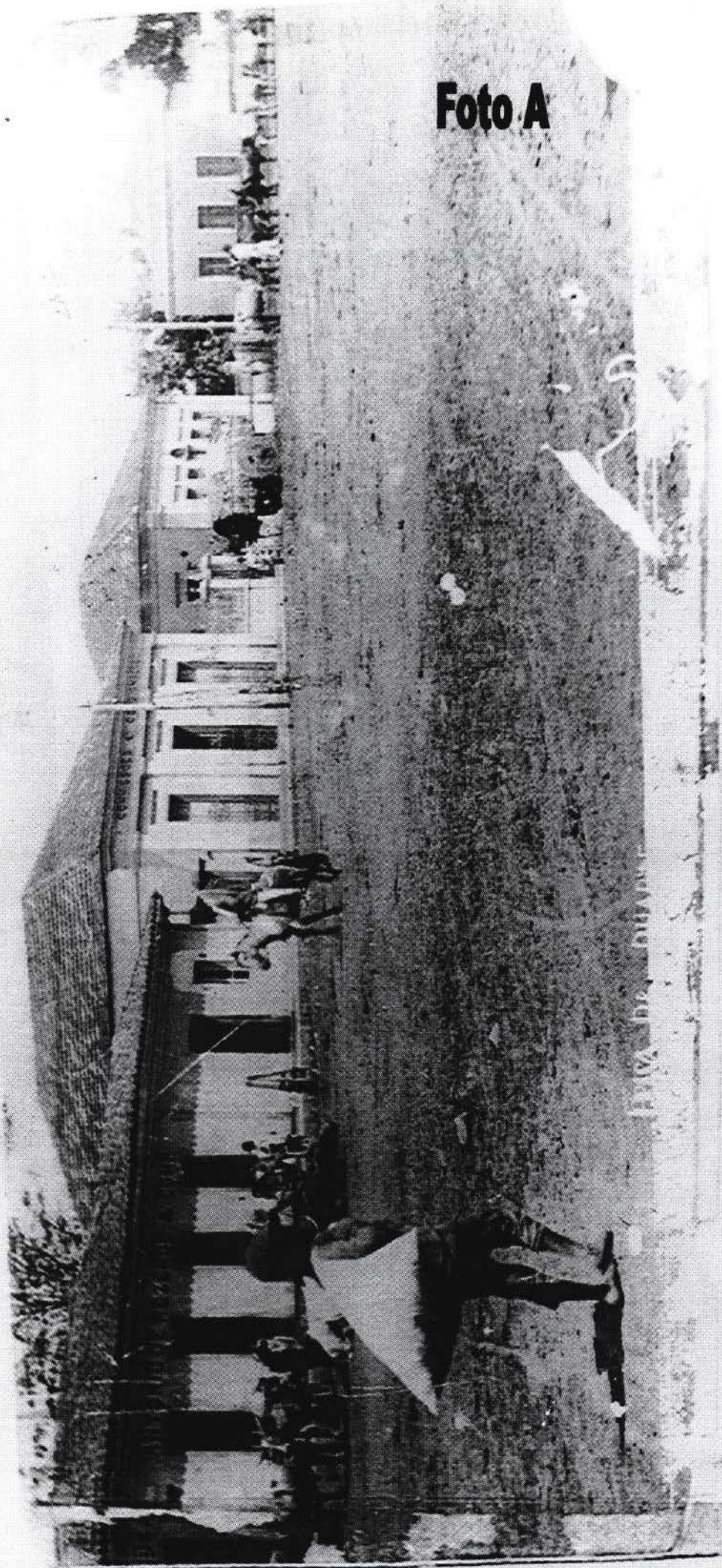
Chamamos a atenção para alguns detalhes que nos parecem pertinentes mas contudo deixando que cada leitor aprecie outros detalhes conforme seu interesse, despertando novas informações ou confirmações.

Na foto A , além da rua ser de terra, aparecem cavalos e carros de boi, que eram os veículos mais utilizados nesse período. Um homem descalço carregando um saco às costas, revela a simplicidade, ao passo que sobre o cavalo encontra-se um homem de terno e outro da mesma forma vestido já entrando no comércio.

Na foto B, temos uma visão da precariedade do saneamento básico. Um cano a esquerda do comércio jorra um liquido abundante direto na rua, que nesse momento já aparece inundada nesse trecho. Fazendo parte da cena, um cachorro se farta com a bebida. À frente do comércio e ao fundo podemos observar as ruas sem calçamento. O passeio do mesmo, não tem continuidade ao virar a esquina.

A foto C, embora as casas apresentam uma bonita arquitetura, as ruas sem calçamento e sem nivelamento e cheias de estacas, empobrecem o lugar.

Foto A



+ 1910 Casa Comercial Tonico Resende
Pça Dr Duarte.

Foto B

110

UBERABINHA

Casa Comercial do Sr Custódio Pereira e Anízio Mlela 1902
Praça da Matriz, hoje Cícero Macedo

Foto C

Pça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro. Residência
de Antônio da Costa, Costinha. Armazém e Casa Comer-
cial do Sr. Arlindo Teixeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do seguinte trabalho, tem o objetivo de revelar duas realidades, uma que aponta a formação da cidade de Uberlândia num discurso ideológico elaborado pela imprensa escrita, e outra, na qual revelamos os problemas sociais e materiais encontrados nessa mesma cidade, retratadas em uma mesma documentação oficial, os jornais. Ao observarmos a versão oferecida pelos jornalistas, os quais concorriam em divulgar a cidade na qual se inseriam, bem como, contribuir para o progresso e fazer propaganda de São Pedro do Uberabinha, apontamos o discurso ideológico social, comparando-o aos problemas materiais da cidade.

Por mais que a propagação do discurso de moldar a cidade num contexto modernizador, quisesse apagar ou silenciar a pobreza revelada em vários aspectos físicos e a simplicidade da maioria da população, percebemos que estes não foram tácidos como se queria. A percepção da discrepância entre as duas realidades citadas ocorre através da estranheza e da dúvida que o historiador, a princípio, sente diante de tal fato. Foi através desses sentimentos que surgiu, a princípio, a idéia do trabalho e posteriormente sua concretização.

Conicionados a duvidar das fontes ou mesmo habituados à curiosidade inerente ao homem, é que surgem esses trabalhos. A dificuldade maior se encontra na falta de documentos que poderiam contrastar a realidade imposta com a outra. Esse foi um dos nosso entraves pois se tivéssemos em mãos os jornais que contestavam o poder vigente e

denunciavam os problemas existentes nesse município, teríamos uma elaboração ainda mais contundente a respeito do tema proposto.

Evidentemente, nossas questões não foram fechadas, pois, há ainda várias respostas a serem encontradas, e outros aspectos a serem desenvolvidos, como por exemplo, o acatamento dos Estatutos e Leis que eram, por demais, em número e exigência, uma investigação mais profunda a cerca dos jornais existentes, qual o assunto mais debatido, o menos questionado, a questão da política interna que era acirrada prejudicando em muitos momentos, a população ao apoiar ou não um determinado político e a relação de apoio aos governos estaduais e federais a qual influenciava os melhoramentos conquistados ou levava ao esquecimento. Há várias outras possibilidades de abordagem de trabalhos como: o lazer na cidade, o uso de fotografias existentes, o que era retratado, qual o intuito de tais fotos, o que se pode construir diante de cada uma e quem podia tirá-las, ricos ou pobres, qual época em que foi registrada a primeira foto na cidade de Uberlândia, fazendo daí uma retrospectiva do surgimento das primeiras fotos no mundo e no Brasil.

Outro fato interessante é em relação ao Museu Municipal de Uberlândia que traz um acervo inusitado ao retratar o cotidiano da cidade datando de um período em que a eletricidade não existia.

Portanto, existem variados temas para elaborar novas pesquisas. Mas o que ainda complica o desenvolvimento de nossos trabalhos como disse Raphael Samuel “são os documentos que são de fundamental importância para o historiador como as cartas pessoais, as fotografias, os jornais, as revistas enfim uma série de materiais que são retidos pelos familiares e que poderiam ser suportes para nossos trabalhos”.

O mais importante de tudo isso é saber que muitos trabalhos têm sido feitos e que cada um traz aos leitores e pesquisadores grandes contribuições. E é por esses motivos que nos sentimos felizes ao fazer o curso de História, pois, através do conteúdo proposto no decorrer deste é que assentam-se algumas questões que nos pareciam dispersas elucidando novos objetivos.

É certo que as dificuldades são enormes, tais como choques de pensamentos, idéias e sentimentos os quais passam despercebidos.

Mas o curso em si tem muito a contribuir não só com o aprendizado mas também com a vivência. A própria militância que surge nos Diretórios Acadêmicos e nos Movimentos Estudantis que convidam e despertam os indivíduos para um agir.

Os momentos de tristezas e insatisfação também existem, mas a sensação de alívio e conquista ao final do curso vai se perpetuando. A vitória não é só de se conseguir um diploma, mas de ter vencido as enormes barreiras colocadas por um mundo capitalista e mesquinho em que estamos submetidos e no qual a conjuntura social nos impede de realizar muitos objetivos. A finalização do curso, mais que conseguir, é também sobreviver.

Ao fazer uma retrospectiva desses anos todos neste curso é que percebemos que valeu a pena. Agora as lutas serão outras: enfrentar o mercado de trabalho competitivo e tentarmos, alcançar êxitos. Porque principalmente a licenciatura exige que sejamos no mínimo sensíveis a realidade do corpo discente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- ARRUDA, José Jobson de A, PILETTI, Nelson. *Toda a História. História geral e História do Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CUNHA, Antônio Afonso. Mons. – SALAZAR, Aparecida Portilho. *Nossos nos contaram 1818-1989. História da igreja em Uberlândia*, Universidade Federal de Uberlândia, 1989.
- Estatutos e Leis da Câmara Municipal de São Pedro de Uberabinha. Estado de Minas, TYP. “Livraria século XX de Arédio de Souza”, Uberaba, 1903. 135pp
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada – Uberlândia 1965-1980*. Universidade de São Paulo, 1990, (Dissertação de mestrado)
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. *Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924-1964*, Universidade de São Paulo, 1989, (Dissertação de mestrado)
- RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Uberabinha: trabalho, ordem e progresso. In. *Cadernos de História*, Uberlândia, v.6, nº 06, jan/95 a dez/96. pp. 115-134
- SAMUEL, Raphael. História Local e História oral In. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v9 nº19, set.89/fev.90 pp.219-243.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*, 2ª ed, São Paulo, Brasiliense, 1985.

SOUSA, Maria Núbia A Martins & LIMA, Sandra Cristina F. de. Vida nova ao palácio dos Leões. In. *A Praça Clarimundo Carneiro*, Secretaria de Cultura, divisão de memória e Patrimônio Histórico, Museu Municipal, dez. 1996.

SOUSA, Maria Núbia A Martins & LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. Pesquisa Referente à História de Uberlândia no período compreendido entre o século XVIII e o ano de 1908. Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria de Cultura, Museu Municipal de Uberlândia, 1997.

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central, Uberlândia, Gráfica Pavan, 2v, 1970.

TORRES, João Camilo de Oliveira. A Nova Capital In. História de Minas Gerais, 3ª ed, Belo Horizonte, LEME, Brasília: INL, 1980.

JORNAIS:

A Nova Era 1907

O Progresso 1907 a 1912/1914

O Parahyba 1914

O Brasil 1915

A Livraria Kosmos 1909 e 1916

O Binóculo 1916

O Commercio 1916